

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES

VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — Jaboatão, centro de escotismo agrícola, Edson Moury. — O Sindicato e suas finalidades, Silvino Lira. — A vida fantástica do judeu Litvinov, Jorge Ramos. — Sentido sempre novo da poesia de Jorge de Lima, golpe de vista sobre o Recife literário, Cleodon Fonseca. — Os gabinetes portugueses de leitura, Mendes Leal. — Filosofia do mundo inorgânico, Crésio Teixeira. — O sentido nacionalista da obra alencariana (conclusão), Mário Pessôa. — Poemas de Willy Lewin e de Antônio Rangel Bandeira. — Livros, Augusto Duque. — Mas os loucos gritam nos pátios (novela), Gonçalves Fernandes. — O Escotismo em face da emigração ruralista, Oswaldo Guimarães. — "Civilização do Nordeste", Vicente do Rego Monteiro. — "O Brasileiro", Pedro Calado. — De um diário de poesia, Willy Lewin. — Lettre de de France, Angebardier. — Corporativismo, Jorge Abrantes, etc.

Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE





Os nossos colegas de ROTEIRO, quinzenário de cultura que se edita em São Paulo, inseriram no seu número de 5 de Maio de 1939 a reprodução d'êste quadro com o seguinte comentário: "A pintura social seduziu mais de um pintor brasileiro. Os "calceteiros", de Vicente do Rego Monteiro, que reproduzimos acima são bem uma ilustração desta tendência pictórica". Acrescentamos que esta pintura data de 1924, e que o crítico de arte francês Geo Charles escreveu em 1929, na Revista "SAGESSE", de Paris, o seguinte: "Como todo individuo ricamente dotado, as concepções de Monteiro estendem-se a todos os domínios da vida; é assim que êle foi um dos primeiros e dos raros pintores modernos que cantou dignamente o tema operário "proletário", sem nenhum falatório preventivo".



LOJAS PAULISTA

A maior organização brasileira no comércio de tecidos

Unicos e exclusivos estabelecimentos revendedores dos afamados
tecidos marca "OLHO"

de côres absolutamente fixas.

Tecidos finos e de padrões variados: Sêdas, voiles, opalines, cambraias, etc.

Tudo pelo preço mais barato da cidade

Brins nacionais e estrangeiros, Morins, Cretones, Bramantes, e outros tecidos cujos
preços não temem competidor.

UMA VISITA A'S LOJAS PAULISTA E' O SUFICIENTE PARA SE
CONHECER A VANTAGEM DA QUALIDADE E DE PREÇO
DOS TECIDOS MARCA "OLHO"

RUA LARGA DO ROSARIO
(PRAÇA DA INDEPENDENCIA)
E RUA JOÃO PESSÔA, 260

**Alberto
Lundgren
& Cia. Ltda.**

FILIAIS EM TODO
O BRASIL

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Órgão
de Ação Educacional Proletária.

**DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO**

REDAÇÃO: Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º

Sucursal: Rua do Imperador 235 - 1.º

Recife **Pernambuco**

NUMERO AVULSO 1\$000

NUMERO ATRAZADO 2\$000

ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:

NA CAPITAL 30\$000

NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

**Os originais literários enviados a RENOVAÇÃO
não serão devolvidos, ainda que não publicados.**

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

Dr. ADEMAR VIDAL - R. das Trincheiras, 554,
João Pessoa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.

PADARIA LEÃO DO NORTE

FUNDADA EM 1845 — A MAIS ANTIGA DA CIDADE

Casa especialista em Pães Francêses, Biscoitos, etc

Fabricante das afamadas bolachinhas DELICIAS
e NENEN

MOVIDA A ELETRICIDADE

J. Moreira da Silva

PATEO DO TERÇO N.º 28 — Fone 6690 — RECIFE

NOSSA CAPA

Piero della Francesca nasceu no ano de 1415, na cidade de Borgo San Sepolero e cedo se dedicou à pintura. Em 1439 o seu nome figura nos arquivos do Arcebispo de S. Maria Novella, quando executou uns afrescos na capela de San Egidio, como assistente de Domenico Veneziano, seu mestre, com o qual aprendeu os segredos da pintura a óleo.

De 1442 a 1445 o encontramos pintando por sua conta em Borgo San Sepolero e mais tarde, em 1451, executando os famosos afrescos de Sigismundo Pandolfo Malatesta ajoelhado diante de seu padroeiro. Em 1466 o seu nome figurava no registro da "Fraternita della Annunciation d'Arezzo" como: "Il maestro di dipingere il quale a dipinto la capella maggiore di San Francesco d'Arezzo".

É na capela de São Francisco de Arezzo que se encontra a parte mais importante da obra de Piero della Francesca, com a serie de afrescos sobre a revelação da verdadeira Cruz.

Outros trabalhos de grande valor pictórico se acham na Galeria de Perugia, em Borgo San Sepolero, na "Città" di Castello e na sacristia "del Duomo" em Urbino.

Este grande mestre do passado, um tanto desprezado durante o período da post-renascença, foi objeto na idade moderna de uma notoriedade merecedora do seu valor e do seu poderoso desenho. A sua plastica pictórica muita influência exerceu nestes últimos anos, na formação das novas sensibilidades artísticas.

Desde a sua infancia, Piero della Francesca demonstrou grande interesse pelas matemáticas, e, tornando-se homem, optando pela pintura, estudou cientificamente os seus problemas, maximé os da perspectiva, escrevendo em 1489 um tratado sobre essa materia, que o tornou famoso. Sua obra, aliás, se ressentia da fria rigidez das ordenadas e dos pontos de fuga sistemáticos que contrasta, sobremodo, com a sua grande segurança de modelado, liberdade de composição e realização das figuras, aprendidas através dois séculos de pintura latina, onde a plastica humana sobrepunha-se a todos os objetivos pictóricos.

E. & V.

LIVRARIA UNIVERSAL Rodolpho & Pereira

Todos os livros didáticos editados pela LIVRARIA UNIVERSAL são de autores de reconhecida idoneidade:
Julio Pires Ferreira: — Gramática Portuguesa, 1.º ANO
Mota Filho: — Educação e Sociedade.
Estevão Pinto: — História da Civilização 2.ª SERIE.
Conego Xavier Pedrosa: — Lições de Latim.
M. Cabral de Mello: — Mon Livre de Français (POUR LA PREMIERE ANNEE).
Mota Filho: — Primeiro Ano de Latim
Waldemar de Oliveira: — Higiene.
S. de Albuquerque: — Análise Sintática, 2.ª, 3.ª e 4.ª SERIES.
Mario Sette: — Terra Pernambucana.

Avenida Rio Branco — 50 RECIFE



RENOVAÇÃO

Guerras e conquistas, legiões em marcha vitoriosa, praças fortes, canhões, a bôa ou a má fisionomia dos combates que se caracteriza pela dureza do choque das armas, tudo mais quanto possa resguardar a soberania dos povos, nos momentos agudos de sua vida politica e os torna fortes e respeitados, são evocações que a figura do soldado sempre despertou.

O carinho e a emoção com que o ministro Gaspar Dutra -- o general da bravura e do civismo nacionais, constatou o esforço continuado do Govêrno e das nossas classes produtoras no sentido de restaurar as finanças e renovar a economia do Estado, problemas êstes cujas soluções os títeres do liberalismo perderam, no emaranhado de conclusões filosóficas, convencem de que o Exército Nacional se impõe, dia a dia, em todos os setores de atividade publica, como potencial de energia da raça, crescendo de vulto as suas responsabilidades que, aliás, nunca o restringiram a méro espectador dos destinos da Nação.

Homem de indicações práticas, apercebido de que a conclusões racionais devem corresponder processos simples e práticos, s. excia. apreendeu, sem duvida, o sentido que informa o programa administrativo do atual Govêrno, cuja execução se exprime em realizações concretas.

Verdadeira encarnação de militar e estadista, o ministro Gaspar Dutra terá verificado, que Pernambuco, pelo seu Govêrno, procura fugir aos princípios gerais e abstratos, buscando encontrar formulas que sejam applicaveis aos casos particulares e concretos.

O Sindicato e suas Finalidades

II

“FORMAÇÃO ESPIRITUAL”

Por SILVINO LYRA

A formação espiritual do operário, deve ser encarada com particular carinho pelos órgãos de classe. Pois, é precisamente por este lado da concepção total do homem, que se evidencia a sua superioridade em face da natureza. Porque, não sendo somente material, a consciência religiosa se faz necessária a ele por imposições naturais do seu próprio complexo. É, portanto, o homem, inteligível e “o seu pensamento transcendendo do físico relativo na ânsia do metafísico absoluto.

É mister por conseguinte, o auxílio da igreja á orientação espiritual dos obreiros. E a sua ação deverá ser exercida precisamente, dentro do próprio sindicato que os contém.

É claro que, disciplinando as atitudes instintivas, a religião vai colocar o homem em rumos seguros dentro da vida temporal. Formando o seu caráter, fazendo-o observar os impositivos de sua consciência indicando-lhe o bem e o justo ou inculcando-lhe na alma as diferenças entre o bem e o mal, e mostrando-lhe as sanções naturais da consciência, a Igreja prepara-o para as grandes lutas, retemperando-lhe as energias do espírito para as novas contendas. Redobra-lhe o ânimo, fortifica-lhe a vontade e, finalmente, orienta-o nas horas imprecisas das indecisões e incertezas, proporcionando-lhe a satisfação do bem estar espiritual, indispensável á realização das grandes vitórias. Despertando-lhe a ansiedade pelo bem e o belo, pelo justo e o verdadeiro, dinamisa em marcha progressiva a seu desejo de perfectibilidade humana.

E essa ansiedade natural, constatável no homem, somente beneficiará a sociedade, que não poderá temer mais a sanha desenfreada dos temperamentos biliosos ou desorientados, quando entregues aos instintos bestiais desgovernados.

A Igreja, ainda procurando fornecer ao ser humano uma felicidade relativa de acordo com os limites materiais, fa-lo-á sentir o dever em toda sua plenitude

como chefe de família, como cidadão, como profissional, marcando-lhe na alma os deveres para com Deus e a Pátria, para com a família e os seus semelhantes, fortificando, assim, o espírito de solidariedade humana.

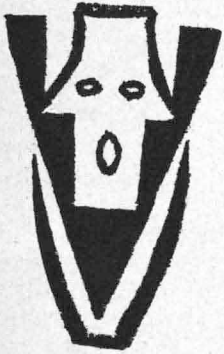
E ninguém ousará omitir a colaboração do Cristianismo às grandes realizações humanas, e muito menos o valor incontestável da Bíblia e a verdade dos seus ensinamentos. Pois, nenhuma literatura encerra tanta beleza e substância doutrinária, como a Bíblia, expressando a linguagem do Senhor pela palavra dos apóstolos, e apontando aos olhos angustiados da humanidade insatisfeita os verdadeiros caminhos da vida. Todas as ações humanas estão nela orientadas como uma indicação luminosa aos eternos rumos do espírito, na sua marcha de perfectibilidade. Em nada negligenciou. Tudo foi lembrado. As menores idéias, das mais insignificantes atitudes aos pormenores mais profundos da vida humana. “Nem só de pão vive o homem (a). Ganharás o pão com o suor do teu rosto (b). Todo trabalhador é digno do seu salário (c). Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus (d)” (1).

Contem em si, a Bíblia, o necessário para o equilíbrio entre os homens. É preciso somente o despertar para ela, uma vez que ninguém poderá viver em paz sem os princípios ordenados pelo Cristianismo. Nêle, tudo é equilíbrio. E uma das fórmulas mais perfeitas à solução dos grandes problemas sociais, a doutrina cristã sintetizou nas encíclicas da igreja Católica, Rerum Novarum ou Quadragesimo ano, além de outras, que atestam a colaboração da igreja em busca da felicidade para o homem.

Os grupos econômicos pois, já por serem imperfeitos em confronto ao perfeito relativo da sociedade civil, carecem dessa orientação espiritual, para que seja formada a consciência cristã dos seus elementos constitutivos, afim de, melhormente, poderem realizar a harmonia entre os direitos e deveres. Assim, se evidencia o valor da formação espiritual das massas obreiras num sentido cristão, dentro de cada Sindicato, mesmo como órgãos técnicos do Estado.

JABOATÃO, CENTRO DE ESCOTISMO AGRÍCOLA

Por Edson Moury



ISITEI Jaboatão — a lendária cidade que vive os seus dias do esplendor do passado e cuja fisionomia urbana agora se renova, tendo oportunidade de percorrer as instalações do núcleo escotista que ali abriga um punhado de crianças, transplantadas do abandono das ruas para o labor fecundo do amanhã da terra.

A cruzada de reeducação que um grupo de abnegados, à frente o incansável agrônomo Oswaldo Guimarães, sustenta com os auxílios que lhe oferecem uns poucos industriais e comerciantes, aos quais preocupa, sem dúvida, o destino da juventude brasileira, no seu período essencial de formação e instrução, na sua fase construtivista, está vitoriosa.

Estes bons pernambucanos que emprestam a sua colaboração à feliz iniciativa de Oswaldo Guimarães sabem que não há no período da adolescência um só instante que não influa no destino do indivíduo, nem um único momento que, perdido uma vez, se possa aproveitar. Daí a conclusão de que sendo a juventude a época em que, sobretudo, podemos enriquecer a vida, cada uma das suas horas é a melhor garantia de a podermos valorizar. É durante essa época que vivemos o período de percepção mais intensa.

Entregues aos trabalhos do campo, realizando a cultura prática do sólo, sob a inspiração técnica de competente profissional, os menores que participam do núcleo escotista de Jaboatão, estão sendo preparados para a reintegração na sociedade como seus legítimos e perfeitos valores individuais. A sua reeducação atende a um plano sistematizado que se funda em processos simples e eficazes e onde não há lugar para o empirismo de fórmulas mortas e fossilizadas, e os torna aptos para enfrentar as verdadeiras necessidades da vida.

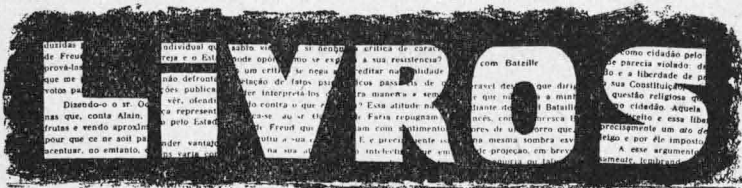
Além do aperfeiçoamento moral e aptidão para

ganhar a vida que o trabalho lhes dá, os reeducandos aprendem a se precaver contra futuras contingências e a enfrentar os tomentos de uma vida que, de momento, se poderá tornar incerta. O objetivo a que se destina a campanha escotista, que é desviar a criança do caminho da mal para dela fazer o cidadão útil à sua gente e à sua pátria, com suas próprias forças, vem sendo atingido, brilhantemente, graças ao espírito de renúncia e sacrifício de seus animadores.

Em momento excepcional, como o que o mundo ora atravessa, não deixa de ser algo notável que, se debatendo com uma série de problemas de ordem financeira a resolver em relação aos meios de subsistência de seus tutelados, triunfe o espírito desses apóstolos sobre a divisão e a discórdia que aniquilam sempre as grandes iniciativas, encerrando-as em si mesmas, quando não as agrava com a teoria de que todos os problemas só se resolvem com o facho das revoluções.

O acampamento escotista de Jaboatão encanta pela ordem, disciplina e asseio, parecendo, já, o resultado do trabalho ordenado e metódico de muitos anos. A perfeita e uniforme orientação espiritual de que são portadores os escoteiros, revela a excelente qualidade da instrução que lhes é ministrada. A violência da opressão sistemática não se aplica entre os reeducandos, aos quais o poder de persuasão procura conter nos seus excessos, para dar lugar aos modernos processos da pedagogia racional.

A grandeza dessa obra que realizam Oswaldo Guimarães e seus dedicados colaboradores está a merecer, pelo seu caráter humano e patriótico, o amparo de todos os homens de pensamento e de ação, sobretudo, dos que têm dinheiro, os quais, mercê de Deus, nunca faltaram com a sua ajuda a Pernambuco, cuja alma mesma vive, em parte, nas crianças desamparadas que a Campanha Escotista do Nordeste recolheu para depois fazê-las voltar ao convívio social como fatores positivos.



Por AUGUSTO DUQUE

Título: "Manoel de Oliveira Lima, embaixador intelectual del Brasil"

Autor: Richard PATTEE — Lima 1939.

O Brasil tem que dominar pela inteligência. O Continente Novo tem de receber o ritmo do nosso espírito. Porque a nova fase que, dolorosamente é anunciada, é a da America. Não é mais a expressão de cultura ou de civilização que vai ter sua base no domínio das forças econômicas. O mundo não vai continuar a obedecer ao estalão dos interesses materiais. Vai valer a inteligência. O equilíbrio. A harmonia de funções. As verdades totais. A integralização.

O Brasil tem de formar na vanguarda de tudo isso. Porque êle é a grande terra missionária. Todos o advinham, desde José de Vasconcelos até Keyserling, gente de todos os cantos do mundo anuncia no Brasil o chão da nova epoca. E o arqui-citado Berdiaeff assiste "a religiosidade do crepúsculo" da epoca que morre.

Recebemos de Richard Pattee o estudo **MANOEL DE OLIVEIRA LIMA, embaixador intelectual del Brasil**, publicado na Revista da Universidade Catolica do Perú e em separado.

Oliveira Lima foi bem o símbolo de como deveriamos sempre orientar a nossa política continental. Pela inteligência, pela cultura é que temos de impôr prerrogativas.

O estudo de R. Pattee é indice do interesse que estamos despertando lá fóra. Temos de fazer uma cultura nossa que faça hóspedes. Que faça enamorados pelo continente afora. A mentalidade do ufanismo, do lirismo panglossiano tornou-se insuportavel, pela eloquência bruta dos fatos.

O Brasil tem que se dar a conhecer, não somente porque é grandão, com riquezas enormes amadurecendo no seu interior, rios imensos etc. E preciso que apareça pela inteligência, pela vontade, pelo sentido barbaro e inedito de sua atitude.

Pattee está a cavaleiro para falar sobre Oliveira Lima. Longe daqui, observa com isenção de ânimo a figura do historiador pernambucano. Assinala suas atitudes e características principais. Analisa sua obra. Suas paisagens morais e sociais.

Apezar de norte-americano, constata que Oliveira Lima sendo admirador do país ianque, criticou acerbamente o avanço "fraternal" do Tio Sam no mundo hispano-americano. Talvez a sua posição de diplomata o tenha impedido de uma afirmação decisiva.

Oliveira Lima acreditou que, no futuro, a civilização terá a sua séde no Novo-Mundo. Falou tambem do "sueno grandioso de Bolivar" que tanto temos nos referido nestas paginas. Pattee o chama, mesmo, de "fervoroso americanista".

Esse nome é empregado para designar todo aquele que se dedica ao estudo das cousas americanas. É tomado tambem na acepção de sistema de principios que deve orientar toda a América.

Oliveira Lima creu num americanismo. Porem, americanismo cousa morta. Frio, sem alma, convencional, certinho como um silogismo. Fruto de vontades literárias. Dileitante. Que primava em ser pacifista, como êle próprio afirmou. Americanismo de velhos, como na velhissima Europa perduram os velhos sistemas ideológicos das grandes comunidades raciais e políticas.

Mas, o nosso americanismo é antes de tudo impulso barbaro, vontade incoercivel, anseio telúrico. É a imposição cósmica que a inteligência interpreta dominando-a e sistematizando revolucionariamente.

Só assim poderemos pretender a posse do calôr divino da energia criadora. Porque o nosso americanismo é vivo e buliçoso.

Outro ponto interessante que Pattee assinala na vida de Oliveira Lima é a sua crença política. Foi monarquista no tempo do Imperio e republicano na Republica. Acreditou que o Imperio cumpriu uma missão estabilizadora. Porem, que a republica foi necessária porque o Imperio "no estava suficientemente de acuerdo com el espiritu positivo de sua epoca y menos aún mostraba disposiciones para estimular los apetitos de riqueza latente en torno suyo". E o Pattee justifica: "La decadencia imperial fué lenta y natural. Sua mission historica completada, no le quedaban fuerzas para perpetuarse".

A ausência de partidarismo, isto é, de quebra das visões imparciais no julgamento dos fatos históricos foi uma das maiores qualidades de Oliveira Lima. Assim, êle próprio sentia-se alegre em ter posto o seu serviço, a segurança do seu pensamento na defesa da figura imensamente caricaturizada de d. João VI. Foi, certamente, um dos maiores feitos de sua vida de historiador.

O Richard Pattee é, sem duvida, um bom sujeito. Lá de fora, já começa a sentir a cadência arrojada que nos anima e assim os nossos assuntos fazem parte de suas atividades culturais.

O estudo que ora noticiamos foi feito todo num entusiasmo surpreendente. Parece ter sido, mesmo, para cortejar-nos, num sentimento de amizade e de fraternidade. Com fartura de adjetivos.

Não assinalámos, entretanto, um calor expontaneo em suas afirmações. É bem medido. Não alcançou ainda a compreensão bruta das cousas continentais. O sentimento inato, com as noções impensadas do ambiente cósmico.

Entretanto faz-nos um bom serviço.

LETTRE DE FRANCE

La fleur sur le fumier

(Divulgação exclusiva de
"RENOVAÇÃO")

Por Ch. M. ANGEBARDIER
Secrétaire de Rédaction
"LE NATIONAL"

A L'ACTIF DE LA GUERRE!

J'ai l'impression, j'ai des raisons très profondes de croire que se pays se dégage d'une crise...

On veut toujours que se soit la faiblesse qui soit la règle, qui aille de soi. C'est précisément ce que je conteste dans tous les ordres, du moins pour cette race française. En France, le courage et l'héroïsme vont très bien de soi. Non, ce n'est pas en cent ans, ce n'est en aucune durée humaine que peut changer ce qu'il y a de plus réel dans une race. Cette part là ne meurt pas.

Charles PEGUY

La guerre, ne change pas les individus, elle les montre tels qu'ils sont réellement.

Jadis, c'est à dire il y a de cela quelques semaines, alors que nous vivions des heures rendues médiocres par nos quotidiennes et mesquines préoccupations, des heures faites en somme de petits bonheurs successifs et de déceptions terre à terre, l'amertume du passé, la grisaille du présent et l'inquiétude de l'avenir nous avaient faits à notre insu différents de ce que nous étions.

L'homme, cet inconnu l'était jusque de lui même.

Comme la fonction crée l'organe, le cataclysme nous a rendu, c'est un fait, notre véritable personnalité. Débarassés de ces contingences qui freinaient nos réflexes et amenuisaient nos réactions, nous sommes pour la première fois (je parle de ceux qui ne vécurent pas 14) devenus nous-mêmes.

Nous mêmes, c'est à dire que nos individualités se sont fondues dans le grand creuset national, sans que cette métamorphose ait eu cet affligeant résultat d'enchaîner nos pensées, de les uniformiser, de les collectiviser comme cela se serait produit sans doute si nous n'avions pas été les fils libres d'un pays libre.

Sans nous en rendre seulement compte, sans perdre aucune de nos qualités traditionnelles, nous en avons acquis d'autres, au premier rang desquelles ce mélange

harmonieux de réalisme et d'idéalisme qui nous fait enfin comprendre que tout ici bas se paie et que tout se mérite.

En regard, nous avons perdu, sinon cette apparence frondeuse, sceptique et volontiers cynique qui n'est généralement qu'un paravent placé devant nos émotions intérieures, ni ce gout du paradoxe poussé à l'extrême qui empêche parfois l'étranger, même ami, de nous entendre, du moins cette propension à l'anarchisme conservateur et ce dillettantisme narquois, fruits amers et empoisonnés d'un matérialisme qui n'a désormais plus cours, qui se dilue dans la vague de spiritualité qui déferle à nouveau sur la nation prédestinée qui inscrivit les plus belles "gestes", les pages les plus émouvantes au Grand Livre de l'Histoire.

Sans cesser de respecter la personne humaine en général et la leur en particulier, les Français sont redevenus un peuple. Non pas un peuple de héros car l'héroïsme pour être vertu ne peut être qu'exception, sans quoi elle ne serait que banalité, mais un peuple ayant comme par enchantement retrouvé sa fierté originelle, un peuple qui puise sa noblesse aux sources pures de l'Intelligence, de la volonté et du coeur. Et cela a suffi pour qu'il regagne d'un seul coup un faisceau de sympathies ardentes, pour que vers lui tournent leurs regards angoissés tous ceux qui sentent avec d'Annunzio que sans la France, le Monde serait seul...

De sa plume audacieuse, Péguy n'hésitait pas à faire parler le Créateur.

Que lui fait-il dire? Ecoutez plutôt:

—C'est embêtant, dit Dieu, quand il n'y aura plus ces Français. Je fais des choses: il n'y aura plus personne pour les comprendre...

Quel rude langage! Que de vérités contenues dans ces deux phrases toutes simplettes, toutes naturelles! Ne vous semble-t-il pas qu'elles répondent, qu'elles claquent comme un défi à l'adresse de la sacrilège apostrophe de Renan à Dérouléde: **La France se meurt, jeune homme: ne troublez pas son agonie!**

Mais ce que Péguy ne savait pas, ne pouvait pas savoir en écrivant au seuil de la Mort lumineuse et anonyme, ces lignes qui sont, plus que l'expression d'un impulsif orgueil patriotique, la résultante d'une lutte entreprise et gagnée en lui par l'esprit sur la matière et aussi la prescience que la génération montante allait, renversant les nouvelles idoles, égaler dans le sublime Psichari qui prenait "contre son père le parti de ses pères", oui. ce que Péguy ne pouvait pas savoir, c'est que ceux qu'il magnifiait si généreusement ne pourraient se maintenir au pinacle et qu'il faudrait une autre épreuve sanglante pour qu'ils ressortent de l'ornière, tel Lazarre de son tombeau, pour qu'ils s'élèvent de nouveau aux cimes...

Ce déclin, aux époques heureuses, non de la France mais des Français, ce masque déformant dont, tous tant que nous sommes, nous nous laissons affubler, n'est pas le fait d'une impuissance congénitale et funeste à nous atteler aux tâches de longue haleine.

A preuve: la guerre. Nous en ignorons la durée. Pourtant nous la faisons. Et bien!

Comment peuvent se produire alors chez nous de telles désespérances, puis de si foudroyantes remontées? Question complexe à laquelle il est malaisé de répondre autrement qu'en constatant que nous payons durant les périodes de calme qui devraient être des périodes de prospérité la rançon des vertus dont nous faisons preuve à l'heure de l'extrême péril.

Les Français ont été et sont encore des innocents, écrivait l'autre jour M. René Benjamin dans "Candide",... **Le bon sens élémentaire commande de croire au mal. La plupart des Français n'y croient pas...**

La plupart des Français n'y croyaient pas aurait-il du dire. Car la guerre qui possède à son passif tant d'irréparables ruines, tant d'inutile souffrance, compte du moins à son actif — la fleur qui pousse sur le fumier! — ce fait qu'elle nous a contraint à refaire notre examen de conscience, à repenser les pseudo-vérités que nous tenions pour définitivement acquises.

Nous sentons désormais avec Pascal qu'il faut mettre ensemble la justice et la force et pour cela, faire que se qui est juste soit fort ou que se qui est fort soit juste.

La guerre,, c'est peut-être, c'est sans doute pour beaucoup, en face, l'accomplissement d'un rite, l'assouvissement d'un désir. Pour nous, fils de la Bretagne nostalgique, de la lumineuse et insouciant Provençe ou du pays à la fois ténébreux et coloré ou vécut Ramuntcho, la guerre, cette guerre, c'est autre chose.

C'est un drame terrible mais grandiose, vivifiant mais dévastateur, implacable mais portant malgré tout en lui des germes de renouveau. C'est, pour un peuple qui ne la désirait pas mais à qui il fut imposé un sacrifice auquel il consent fermement, car il puise dans son accomplissement la foi dans l'avenir, la foi dans une Providence qui ne peut rester insensible à la muette prière qui émane des inéluctables et sacrilèges destructions.

Henri Troyat, confiant à Marianne ses impressions de mobilisé, écrit: "La guerre, me disais-je, rend leur prix véritable aux diverses activités humaines. Les

valeurs spirituelles du temps de paix s'effondrent. Les besoins élémentaires excluent les jeux de l'esprit. Rien ne compte plus que l'immédiat, l'indispensable, le physique..."

Et le dernier lauréat du Concours d'ajouter qu'il ne lut fallut pas une semaine pour "apprécier son erreur".

En vérité, n'est-il pas permis, sans pour cela cesser de les maudire, d'écrire que des guerres comme celle que nous vivons ne sont mortelles, quoiqu'il arrive, que pour les nations que n'ont pas pour elles l'âme pure et la conscience en repos, et qu'elles apportent au contraire aux pacifiques et aux justes, tel un elixir de jeunesse, outre la certitude absolue en la victoire finale, cette autre certitude que la leçon des pauvres Morts donnera aux Vivants le courage et la virilité qui leur permettront d'affronter l'œil clair mais cette fois les dents serrées et le masque farouche les travaux obscurs mais non moins décisifs de la vraie paix recouvrée...

Angebardier

O GOVERNO AGAMENON MAGALHÃES E A SECRETARIA DA SEGURANÇA

I

Da repressão ao sensacionalismo da Imprensa

A "plaquette" "O GOVERNO AGAMENON MAGALHÃES E A SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA" é um belo exemplo de organização, fruto do Estado Novo em Pernambuco.

"A todas as reações anti-sociais, no Estado, opôs a Secretaria de Segurança uma campanha sem treguas, reorganizando o aparelho repressor, criando ambiente favorável à paz pública e reprimindo as mais elementares manifestações da criminalidade."

As seitas africanas, o baixo espiritismo, a jogatina desenfreada, as ofensas ao decóro público e outras práticas corruptoras, foram problemas que a Secretaria de Segurança teve de enfrentar. Entre êles a repressão ao sensacionalismo da imprensa, em bôa hora empreendida pela nossa Secretaria de Segurança veio cooperar na reeducação do espírito da "massa", reduzindo ao minimo as suas manifestações de emotividade coletiva. Pena é que noutros Estados não tenham compreendido a importancia moralizadora dessa campanha, onde certos periódicos ainda exploram esse sensacionalismo corruptor, com os retratos das vítimas e as vidas romantizadas dos protagonistas, causa de tantos crimes e suicídios em series.

A "plaquete" da Secretaria de Segurança merece a maior divulgação, por sua feição objetiva, dados estatísticos e gráficos, instruindo e tranquilizando a sociedade pelo acerto de medidas, cujo alcance ficou provado no declínio da criminalidade, em geral, no Recife.

M.

Filosofia do Mundo Inorganico

I

MECANISMO E NÉO-MECANISMO

Por CRESO TEIXEIRA

nADA mais universal e de maior evidência no mundo dos corpos do que o movimento. Por outro lado, quando notamos o movimento, percebemos necessariamente que alguma coisa se move — os corpos.

Daí, os principais problemas, talvez, da filosofia natural suscitados pelas perguntas: — “Em que consiste o movimento?”, “Em que consiste a substância corpórea?” Apreciemos, através do tempo, as soluções tentadas para responder à última dessas interrogações.

Vários sistemas erigiram-se com o estudo da constituição íntima da matéria. E nisso obedeceram, sempre, à idéia dominante em algumas correntes filosóficas. O mecanismo puro ou tradicional, o néo-mecanismo, o atomismo dinâmico, o energetismo, o dinamismo, o hilemorfismo, dizem bem dos esforços, mobilizados pelo pensamento humano, no sentido dos puros abstratos. É, porém, ao mecanismo, nas suas duas fases, que nos vamos reportar, desta vês, explanando-lhe as idéas fundamentais.

Rematando à mais alta antiguidade, este sistema aparece com Tales, para quem o mundo deriva de uma única substância primitiva: — a água, que presidiu a todas as transformações dos corpos.

Mais tarde, Demócrito vem enriquecer o mecanismo, afirmando a identidade da matéria cósmica e constituição atômica dos corpos. É, propriamente, o fundador do “atomismo” ou, mais geralmente, da filosofia “mecanista”. Entende só existirem vácuo, (no que foi contestado por Aristóteles) e átomos, que são corpúsculos extensos e indivisíveis, movendo-se no vácuo. Enquanto a percepção é, apenas, o resultado da expulsão desses átomos do objeto que incide sob os órgãos dos sentidos. É, em suma, um mecanismo físico que pretende explicar a organização das coisas por meio de circunstâncias fortuitas.

Mas é Descartes quem consegue imprimir relêvo a esse sistema. Contra a concepção unificadora de Spinoza, opõe a sua idéia de separação da realidade em duas substâncias últimas — uma espiritual, outra material. Mas, com Spinoza, exclue o vácuo e os átomos, admitindo a divisibilidade do infinito (Janet). Descartes é espiritualista. No mundo só vislumbra modalidades de máquinas. Fóra do mundo, no entanto, vê Deus. E, como uma consequência lógica, vai encontrar, no corpo (humano), a alma.

Descartes é o corifeu da tradição subjetiva e idealista. Vincula a intuição racional à instigação científica. Visa, com os seus estudos, à natureza íntima dos seres. E pensa que a filosofia só pôde ser exata, quando expressa em fórmula de matemática. Daí, pretender levantar a sua cosmologia sobre o conceito matemático da extensão. (Enquanto Anaxágora erigia a geometria em metafísica).

Com efeito, é na extensão que Descartes vai descobrir o princípio constitutivo dos corpos. Estes não são mais do que massas inertes, sem nenhum princípio interno de atividade. Chega até a reconhecer, na extensão, a essência mesma dos corpos. E, assim, implicitamente, recusa a matéria as propriedades que não podem logicamente ser deduzidas da análise da extensão.

Contudo, Descartes, a essa altura, tenta uma explicação. Afirma encontrar essas propriedades, deduzindo-as da essência mesma do corpo, identificada com a extensão. É quando o filósofo mais se integra na estrutura do pensamento mecanista.

Surge, no entanto, o XIX século. Sob o influxo das idéas então dominantes, entra numa fase esse mecanismo cartesiano, erigido “a priori”. E para isso muito contribue a aplicação da hipótese atômica ao domínio da química (Dalton).

De fato, os mecanistas tradicionais viam nos corpos modificações, apenas, de uma mesma substância. Regeitavam qualquer diferença essencial ou específica entre os mesmos. Pois não eram simplesmente físicos, mas, também, metafísicos.

Os néo-mecanistas, não. Excusam-se, em princípio, a indagar sobre a natureza íntima da substância. E mesmo sobre a constituição essencial dos fenômenos. Pois acreditam tratar-se de problemas de ordem ontológica.

Como, porém, surgiu esse novo mecanismo? Como explicar o fenomenalismo e o relativismo que são o seu traço distintivo? Foi como veremos, o resultado de certas concepções filosóficas, sobre o valor da inteligência humana.

Kant acredita arrancar o “noumenon” ou a substância, às “prisões” do entendimento. Acha que a realidade não poderá nunca ser apreendida pela experiência, por ser “noumenon” (ente) concebível, mas não cognoscível, como o mundo dos fenômenos construído pelo nosso espírito. É o que nos revela na sua dialética transcendental. Enquanto os néo-criticistas franceses chegam a afirmar que a “coisa em si”, a substância, não existe, sendo simplesmente quimérico o seu conceito.

Comte, por sua vez, firma o seu positivismo sobre base empírica. Nega o absoluto. Proscreeve a metafísica. E vai ao ponto de declarar incognoscível, tudo o que ultrapasse a experiência sensível.

Enquanto isso, William James, procurando uma solução prática, vê na metafísica mesma, apenas a ciência da síntese final dos dados da experiência. Entende ser verdade um processo, uma verificação, um valor, em suma, subordinado a condições psicológicas e não um fato. E funda o seu pragmatismo admitindo ser o “noumenon” simplesmente a totalidade dos fenômenos. E o absoluto, a “teia de entrelaçamento das relações do mundo”.

(Continúa na página 32)

O B R A S I L E I R O

(Comentando Clovis Chaves)

Por Pedro Callado

A pena de Clovis Chaves traçou pela "Renovação" de Janeiro o retrato fiel do brasileiro de nossos dias; indicando com precisão as causas embaraçantes do seu desenvolvimento moral. São suas as seguintes expressões: "O cinema, a moda, os clubs, o radio e todos os elementos de progresso material empregados sem finalidade educativa e nacional vão aos poucos standardizando o caráter brasileiro, por não serem acompanhados de fatores que os neutralizem." F' bem essa a síntese da deformação moral de um povo. Desde que "os elementos de progresso material", sejam empregados "sem finalidade educativa", nenhum desenvolvimento espiritual será obtido. Ora, antes do cinema, da moda, dos clubs e do radio, tivemos com a introdução da escravatura a desmoralização do trabalho manual nos campos e nas fábricas. E essa foi a primeira causa de sua deformação; e tão profunda que nem a abolição e nem as transformações políticas advindas sob novas bases jurídicas e sociais em 1889, 1930, 1934 e 1937 conseguiram apagar esse estigma e seus efeitos. Consequência tem sido a preocupação de todo brasileiro, mesmo o de classe mais humilde, dar a seus filhos um cargo público, quando não lhe pôde arranjar um título de doutor por qualquer meio, simplesmente para fazê-lo escapar à deshonra do trabalho. Emancipação do servilismo proletário pela incompreensão da dignidade do esforço material e humano despendido na defesa de sua própria conservação. Agravando essa concepção, vem se alimentando o erro de, na organização das classes sociais e trabalhistas, manter o caráter de permanência entre seus componentes. A lógica presunção devêra assentar na transitoriedade da função social. O soldado aspirando ao oficialato; o operário a ser patrão; o estudante a ser mestre. Cada classe representando um degrau para um plano superior. Todos a percorrer a espiral das justas aspirações para o mais alto. Sempre o desejo de subir. A ancia de conquista de um melhor bem estar pelo aprimoramento de suas aptidões ou melhoria de sua capacidade econômica. O anelo constante de aperfeiçoamento espiritual. Nessa incessante ascensão não se deve, porém, perder de vista o individuo dentro da sociedade. Assim como no conjunto planetário cada astro conserva seus movimentos próprios na marcha harmônica para o infinito, também a sociedade, na classe como na corporação a evolução no sentido do bem sómente se poderá processar pela fixação as qualidades morais de cada um de seus individuos. Si, pois, o Estado é um complexo de órgãos em função, é imprevisibilidade menosprezar cada uma de suas moléculas componentes; visto que a doença descurada de uma delas bem pôde contaminar o resto do organismo. A malária, ainda hoje tida por incurável, decorre da simples picada de um anofelino sobre um ponto menos que molecular. Para que, portanto, se objective o otimismo em torno do destino do Brasil, a que se refere Clovis Chaves, preciso é que desde já se comece o trabalho de aperfeiçoamento moral de cada brasileiro. Tendo em

conta o arraigamento de vícios e defeitos anteriores, impõe-se medidas rigorosas de prevenção em favor das gerações novas, enquanto se reprimam nos adultos o que de nocivo herdaram de seus ancestrais. O ensino primário realmente gratuito e obrigatório com sanções penais contra os responsáveis por sua não frequência, como meio de extinção do analfabetismo criminosamente alimentado pela demagogia dos políticos profissionais; o ensino profissional, sobretudo agrícola, como meio de restauração da dignidade do trabalho manual; o serviço militar compulsoriamente obrigatório, como necessidade de aparelhamento de defesa da soberania nacional por um maior amor à patria; a facilidade de garantias na fixação do camponês ao solo, pela restrição do direito de propriedade rural apenas concedido ao brasileiro nato; a estabilidade do custo de vida pela uniformização dos preços dos produtos nacionais em cada Estado, para efeito do equilíbrio econômico da cada individuo a se refletir na prosperidade da Nação; o combate sistemático e impiedoso contra a deshonestidade funcional pelo selecionamento dos capazes, como primordial estímulo à moralidade das relações entre individuos em sociedade; a consubstanciação enfim das leis preventivas e repressivas applicaveis á manutenção da harmonia social, baseadas nos são ensinamentos do verdadeiro cristianismo, a focalizar a conduta dos bons no castigo regenerador dos que erram; todas essas seriam medidas de acertada applicação. Somente saindo, assim, do platonismo com que estão sendo encaradas as modernas concepções jurídicas e sociais entre nós para um imediato rigorismo de seleção levada a efeito sem treguas nem tergiversações e assentando no desprendimento de cada um em beneficio da comunidade, poder-se-á estabelecer a neutralização dos fatores negativos, que complexo racial tem feito predominar na formação moral do povo brasileiro, como acertadamente afirma o autor do artigo com que se ilustra a edição e janeiro de "Renovação".

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Belas-Artes". — Jornal dos artistas plásticos. Direção de QUIRINO CAMPOFIORITO. Editado no Rio de Janeiro.

"Anais do 2.º Congresso das Academias de Letras", organizado pela Federação das Academias de Letras do Brasil. Rio de Janeiro.

"Manoel de Oliveira Lima, Embajador Intelectual del Brasil". — Richard Pattee — Editado em Lima. 1939.

"PRO ECCLESIA" — Órgão do Secretariado Nacional de Defesa da Fé. Editado no Rio de Janeiro.

O Escotismo em face da Emigração Agrícola

Por OSWALDO GUIMARÃES

No número de **Renovação**, de Dezembro ultimo, tratei de um modo geral do escotismo como escola integral de educação. Escola que visa os menores desamparados, impondo-lhes uma nova condição de vida, ou seja o aproveitamento de suas energias desorientadas nesse sentido finalista e pratico em que se deve perceber as grandes e verdadeiras manifestações do espirito humano.

Mostrei em linhas gerais, o que precisamos fazer para se conseguir esse tipo de operário agricola nacional, tão escasso no Brasil. Depois de estudar a situação em que vivemos como homens do campo, depois de focalizar vários aspectos da nossa educação ruralista naquilo que diz respeito aos ensinamentos ministrados pelos educadores, quando procuram descobrir as raízes da nossa apatia por uma vida tão cheia de belezas, como a do campo, apresentei um plano, que concretizando em ação e materializado em realidades, práticas, poderá salvar as futuras gerações desse indiferentismo voltado as nossas necessidades e que são os próprios anseios nacionais.

Disse da deficiência da nossa obra como escola de preparação áqueles que se dirigem ao campo, porém afirmei tambem o quanto podemos fazer e realizar em beneficio da Pátria commum, quando conseguirmos a adesão daqueles que acreditam na força, na grandesa e na eternidade da Nação—como expressão coletiva, como a soma do esforço individual, nessa ânsia de conquistar os mais altos degraus da civilização, a custa da capacidade profissional e especializada de cada brasileiro.

O esquema que deixei no final do meu artigo, constituindo uma síntese e um sistema de educação para aproveitamento desses brasileiros que perambulam a mercê dos tempos, sem recursos, porque não receberam educação segura á vida que os seus antepassados viveram e glorificaram, evidencia o proposito e o desejo da iniciativa particular atenta aos ideais nacionais. Cabe portanto aos poderes públicos, coadjuvarem com qualquer iniciativa que tenha em vista o fortalecimento cada vez maior da nossa terra, da nossa gente e do nosso patrimônio. Disse da responsabilidade dos govêrnos no tocante aos complexos problemas de educação e assegurei que a terra entra como um dos principais fatores na formação profissional dos homens que conduzirão o Brasil de amanhã ao seu verdadeiro destino, criando-se um operário agricola capaz de rivalizar com esse outro tipo de trabalhador que importado de terras estrangeiras aqui permanece com aquele mesmo anseio de todos os tempos, criar e transferir as suas tradições, os seus costumes, a sua lingua e as idéas de origem para mais tarde facilmente conquistar tambem a nossa terra e a nossa gente. Hoje, tratarei da emigração ruralista, problema serissimo de despovoamento da nossa zona agricola pelo abandono do campo dos nativos atraídos pelas grandes indústrias urbanas, pelos salarios mais justos, e do perigo de sua substituição por elementos estrangeiros.

“País que encontra suas origens não em migração provinientes de zonas super-povoadas, mas como simples colonia de exploração de um povo bravo e pouco numeroso, apresenta a sua historia econômica e social aspectos que lhe são peculiarissimos. Sua divulgação se torna cada vez mais necessária, para que possamos aproveitar os ensinamentos que as reações do meio vêm oferecendo á atuação do homem na luta em que, há mais de 400 anos, se vem empenhando pela formação de um organismo social forte, capaz de desfrutar as mais favoraveis condições, de vida”. Do melhoramento dessas condições, estou certo há de surgir uma outra norma de vida compatível com o progresso que almejamos. Pernambuco que tem a sua história escrita pelo sangue daqueles que souberam com a fé em Deus e na Pátria, defender a unidade nacional das mãos do invasor, Pernambuco, como esta grande Pátria pela qual vivemos, cujo territorio foi ocupado em diversos pontos pelos ambiciosos de além mar, não precisa de imigrantes, antes pelo contrário, precisamos sim, evitar a localização de elementos estranhos a nós mesmos e que alimentam aqui os mais insondaveis anseios.

A história brasileira está cheia de casos de cubiças e nós não podemos e nem devemos cruzar os braços justamente nesta hora em que o mundo se agita nas competições ideológicas, em que a luta se desencadeia de ação e realizações desafiando o homem a si mesmo.

Eu poderia mostrar os perigos iminentes da imigração, quando se tem em vista localisá-la, fazendo-se aquilo que a prudência repele e que se chama colonização por elementos estrangeiros.

Devemos colonizar o Brasil com os brasileiros pelo aproveitamento dos braços nocionais desocupados e improdutos.

O Brasil não precisa de imigrantes. Nós temos gente de mais para cuidar de todas as nossas riquezas. O que precisamos é cuidar mais do nosso homem, porém cuidar deste homem, não somente proporcionando-lhe recursos materiais: utensílios, concessões de terras, créditos, etc., como concedemos aos imigrantes dalém e daquem mar, mas antes e acima de tudo dando-lhe uma educação conveniente e apropriada, capaz de torná-lo um fator de ordem e de progresso e de radicá-lo ao rincão natal. Sómente assim evitaremos a emigração ruralista, esta fuga de potencial econômico que são os braços dos trabalhadores agricolas, atraídos pelas grandes urbes.

Cuidando com entusiasmo dos nossos patricios, dando-lhes educação ruralista, meios e terras. Concentrando em campos agricolas os menores abandonados, trabalharemos pela grandeza desta grande Pátria.

NOTA : — No proximo número explicarei a função e finalidade dos campos agricolas destinados a criação de um tipo de operario agricola nacional, etc.

A VIDA FANTAS- TICA DO JUDEU LITVINOV

Por JORGE RAMOS

Para "RENOVAÇÃO" e
"VIDA MUNDIAL" de
Lisbôa.

TERMINOU na Rússia o "domínio dos judeus", Kaganovich Litvinov era o ultimo dos grandes judeus a quem Estaline permitiu que continuasse a exercer funções no govêrno da Soviécia após as numerosas operações de "limpesa" — as célebres *tchitski* — que eliminaram na Rússia quasi todos os judeus. A imprensa alemã chamava então ao comissário do povo Finhelstein...

A retirada brusca de Litvinov devia significar, mais tarde, uma transformação radical na politica exterior da Soviécia. Quem é Litvinov? O seu apelido verdadeiro é Wallach e o seu primeiro nome autentico é Meyer. Mais tarde, trocou-o pelo de Maximo. E' filho dum pequeno burguês estabelecido na aldeia polaco-judia de Bielostok que a Polonia anexou mas que no antigo regime russo dependia da provincia de Lituania.

Wallach era mesmo considerado como um lituano: — como um *litwak*.

Tomou o nome lituano de Litvinov ao ingressar na carreira diplomática, seduzido pela sonoridade do nome do antigo embaixador russo em Constantinopla. O passado deste homem estranho, "filho da Revolução", é para muitos um eterno enigma. Foi conspirador, e ainda que nunca tivesse estado nas barricadas, podemos considerá-lo um revolucionário na mais ampla acepção do vocábulo. Viveu uma existência perigosa e aventureira que o obrigava, de vez em quando, a mudar de nome. Segundo as circunstâncias chamou-se Felix, Rocha, Gustavo, Graf, Luis Nitz e Max Finhelstein.

Os Wallach, crentes e conservadores, eram gente humilde. Como entre os judeus orientais se segue o costume de dar às crianças uma instrução superior, Meyer frequentou as universidades de Paris e de Londres enquanto o irmão ingressava num seminário rabínico. Muito novo e senhor duma vasta e sólida cultura aderiu ao grupo judaico-socialista Bund. Perseguido pela policia devido à sua actividade revolucionária, refugiou-se em Genebra e passou depois a Londres, sem um centavo no bolso... Proteções misteriosas collocaram-no como empregado num Banco. Começou desde esse dia, a levar uma vida dupla: de dia era o "cleck" insignificante e de noite recebia as secretas visitas de emigrados russos que lhe confiavam determinadas missões. Comprometeu-se em conspirações, organizou entradas ilegais na Rússia e teve como principal missão obter armas para a organização ilegal do partido. Depois do ce-

lebre atentado que Estaline mandou organizar contra o comboio correio de Tiflis, Litvinov recebeu a incumbência de pôr a bom recato os valores roubados. Quando Lenine conquistou o poder em 7 de novembro de 1917, Maximo Maxibovich Litvinov podia já orgulhar-se dos grandes serviços que prestára ao partido.

A sua carreira diplomática inciou-se em Londres, sem o "agreement" do governo inglês. Foi preso quando os bolchevistas encarceraram o diplomata inglês Lochbart, em Moscovo.

Foi em Inglaterra que conheceu Ivoy Low, jovem de ascendencia aristocrática mas de temperamento revolucionário e que se encontrava em contacto com os revolucionários russos. Litvinov falava corretamente o inglês apesar do seu idioma natal ser o idish. Como provinha daqueles ambientes israelitas orientais nos quais a assimilação passa sem deixar rastros, falava todos os idiomas com o acento da lingua materna.

Litvinov é um homem inteligentissimo e de espirito clarividente. Nada teve de doutrinario. Nunca se apeçou a uma ideia fixa.

Sucedeu ao genal Chitcherin no posto de comissario das Relações Estrangeiras depois de ter sido seu secretario durante alguns anos. Estes dois homens não podiam tolerar-se mutuamente. Eram de temperamentos diferentes. Chitcherin era um aristocrata nato, um "original" bastante desordenado, enquanto que Litvinov era um pequeno burguês incapaz de converter-se num homem cosmopolita. Viveu com grande fausto na rua Spiridononhe e acudiam às brilhantes recepções que dava todos os diplomatas estrangeiros. Sua esposa tinha uma distincão especial. Falava unicamente inglês. Quando se expressava em russo denunciava logo pela pronuncia a sua origem.

Quando os jornalistas portugueses visitaram a Rússia em 1925, — em fins de Outubro — vi, em casa de Litvinov, o embaixador alemão levar aos lábios a mão da gentilissima esposa daquele homem extraordinário... embora já se tivesse esboçado para os lados de Nuremberg certos rumores de canhoneio. Foi quando vi o homem que mais tarde sucederia a Litvinov.

Nessa noite inesquecível, Molotov foi apresentado aos jornalistas portugueses e a outros convidados da imprensa francesa e inglesa. Era um homem de invulgar elegância dentro duma casaca impecável. Ambos dansaram com as damas da melhor aristocracia alemã: as duas esposas dos embaixadores alemão e finlandês. E ambos dansaram ao som duma velha "masurka" polaca, animada. Os conspiradores de outraa tinham-se transformado em autênticos burguêses.



SENTIDO SEMPRE NOVO DA POESIA DE JORGE DE LIMA

Por Cleodon Fonseca



NÃO há dúvida que existe uma certa complexidade em alguns poemas de Jorge de Lima. A prova é que tem sido o poeta mais discutido do Brasil. Explica-se, todavia, muitas vezes, o que para uns é uma polivisão — onde, paradoxalmente, há sombras de obscuridade, e, para outros, significa hermetismo, justamente pela potência da inspiração que vai além da própria expressão.

Já falaram em estado poético (Maritain e outros). E é o momento mesmo da comunhão com alguns poetas. É o caso, por exemplo, de Georges Bernanos, que, entendendo perfeitamente a poesia do autor de TEMPO E ETERNIDADE, responde-lhe com uma “gratidão profunda”, achando que *ce dernier mot, sous ma plume a un sens. Je le préfère mille fois à celui d’admiration, deshonoré par les menteurs.*

O livro POEMAS (coleção de poemas extraídos dos seus livros) traduzidos para o espanhol, cada vez mais nos vem pôr em comunhão com esse grande espírito, inegavelmente o maior poeta católico do Brasil.

Porque Jorge de Lima sempre apresenta novidade. No me refiro ao ANJO que revolucionou a crítica brasileira. Novidade, psicologicamente — no alto sentido, deixando-nos admirados com novos caracteres e novas faces da sua poesia.

Todos já sabem,, por exemplo, que o autor de TÚNICA INCONSÚTIL é um místico, no sentido superior da palavra. Entretanto, original e admirável é que, enquanto poetas místicos se afastam completamente do mundo (em um prolongamento de sonho), Jorge de Lima não abandona o natural. Equivale a dizer que vive, realmente, em perfeita compreensão com a vida. Ou ainda, como querem alguns, o poeta não perde o contacto com a realidade cósmica. E é um incessante criador de paisagens humanas (volta sempre os olhos para os quadros bíblicos) não abandonando a natureza, ou, para melhor dizer, os elementos in-

tegrantes da poesia. Traz o panorama, sobretudo humano, porque tem necessidade dêle. E, do humano ao divino, o poeta não conhece distâncias para as suas contemplações. Porque, segundo a felicíssima conclusão de Manuel Anselmo, que analisou a sua poesia, Jorge de Lima é “um lírico de ambiciosos deslumbramentos”. Lembro-me, agora, daquêle admirável AMO A SOLIDÃO :

Gosto de andar nos desertos imensos
pelas sarças sagradas, vendo as tardes
cheias de cordeiros e de mulheres morenas
que vão buscar agua nas cisternas distantes
onde moram as estrêlas do ocaso.

(TEMPO E ETERNIDADE).

Embora livres os seus poemas e amigo da liberdade, Jorge de Lima não compreende a poesia fóra de Cristo (alguns subtraíam este “embora”. Entende que essa é a atmosfera da liberdade. Ou ainda — para êle, Cristo é a essência da poesia. A prova é que

*La inmensa metrópoli habia abolido la poesía ;
pero un cierta mañana, habiendo nacido en un albergue
un niño predestinado, el poeta volvió.*

Mais adiante, baixando os olhos para SABIDURIA, vemos que o poeta levanta os seus, pedindo

*Dame Sabiduria, Señor, para que la poesia tenga Tu
[marca !*

E, sem perder o contacto com o mundo e a vida, nos domínios da mística, lembra CUANDO ESCRIBÍO EN LA ALTA NOCHE que

*Mira la Gran Mano que se abate sobre ella
y la hace deslizar sobre el papel estrecho...
Si no creéis, tocad con la otra mano inactiva
las llagas de la Mano que escribe !*

E mais ainda : em alguns dos seus poemas há o que podíamos até chamar de **sensualismo lírico** elevando-se até a mais alta espiritualidade. O seu **sensualismo**, com tonalidades místicas, afasta-se, todavia, do leit-motiv do seu companheiro de TEMPO E ETERNIDADE, Murilo Mendes, cuja poesia, sendo sincera, rilo Mendes identifica a igreja com u’a mulher que o atrai (A POESIA EM PÂNICO), enquanto Jorge de Lima eleva a inspiração inclinadamente para a espiritualidade. No POEMA DE CUALQUIER VIRGEM, êle anuncia que *La imagem de la inocencia, de la voluptuosidad, las representaciones increíbles estan en el dorso de la Virgem, en el cuello, en la faz”.*

Perfeitamente humano, em sentido exato, o poeta Jorge de Lima viu poesia em tôdas as manifestações da via (já anotamos a ascendência a Cristo). E na coleção POEMAS, ainda há o reflexo da policromia do mudo e da própria ambivalência dos sentimentos — revelando, podemos dizer, a verdade daquêle conceito e Bernanos, segundo o qual *la Poésie suit le destin de l’homme*. Um exemplo : o POEMA DEL CRISTIANO — síntese da vida realizando-se bem perto do caminho que a arte idealizou.

“CIVILIZAÇÃO DO NORDESTE”

VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

A confêrencia que Agripino Nazaré pronunciou na Exposição Nacional de Pernambuco, sobre a Civilização do Nordeste, é um requisitório serrado contra as teorias derrotistas dos máus sociólogos. E' o verdadeiro nordeste “sem os resíduos de um freudismo, que vai buscar, no sensualismo das senzalas as nascentes de uma civilização (1)”.

Como todo trabalho de larga envergadura, “Civilização do Nordeste” tem os seus pontos dos quais podemos discordar ou mesmo não aceitár, uma coisa porém ressalta: é a fé absoluta do autor no destino civilizador do Nordeste como estrutura nacional, e o seu corajoso intento de se atacar aos tabus da nova sociologia, sem o receio das críticas das “torres de marfim”...

Muito interessantes são as suas observações quanto á nossa formação racial, no tocante ao português e em relação aos criminosos desterrados para o Brasil, em virtude da qual certos autores quizeram nos atribuir inferioridade:

“Lê-se, é bem verdade, em alguns dos historiadores da formação do Brasil, que os portugueses chegados até nós para o povoamento do país foram elementos que hoje chamaríamos de indesejáveis; detritos humanos que s Indias e a Africa recambiaram á metrópole; fadistas e rameiras; fidalgos arruinados e sem escrúpulos em busca de ouro para a restauração dos seus braços, a escumalha, emfim, da população do Reino de Portugal e Algarves. Mas o que as crônicas e os proprios atos officiais do tempo tornam patente, é que as levas de degredados, de gente falida em todos os sentidos, não chegaram ao Brasil senão quando os primeiros habitantes aqui nascidos da ligação do elemento indígena com o insavor já haviam atingido a maior idade, e, pois, iniciada a formação regular dos nossos núcleos de população.

Ao contrário, o que documentos de irrecusavel autenticidade nos levam a crer é que para o Brasil vieram e aqui se fixaram familias das mais illustres da Europa. E' o que nos informa Domingos Loreto no seu *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, citando entre os primeiros povoadores do Nordeste, elementos representativos das mais nóbres casas da Italia, França e Castela.”

As observações de Agripino Nazaré são muito judiciosas quanto aos primeiros imigrados para o Brasil, que não foram sinão, homens de elevada cultura, pun-donor, e da absoluta confiança dos reis de Portugal. Não se admitiria que um país colonizador por exclência como Portugal, mandasse a escoria de sua finança para estabelecer os seus empórios dalém mar, e confiasse a criminosos contra a economia pública ou a inimigos do regime, as suas ricas colónias.

Quanto aos degredados que para cá vieram não tem a importância, como bem o afirma Agripino Nazaré, nem o vulto, nem o sentido pejorativo dos apressados historiadores. A pena de degredo, ou afastamento da

metrópole, éra comumente aplicada aos criminosos politicos, contra aqueles que atentavam contra a segurança do regime, contra a vida do monarca ou a do primeiro ministro. Geralmente os criminosos vulgares, os cabeças de rebeldias expiravam, no patíbulo.

Quasi sempre os degredados eram homens públicos caídos no desagrado do monarca, intellectuais transviados em desacordo com os tabus do tempo, liberaes revoltados, todavia nunca barbaros assassinos, vampiros ou blasfemadores, estes em auto—de—fé eram expurgados da face da terra.

Os degredados de Portugal do 16º século assemelhavam-se aos banidos de Atenas do Vº século A. C.

O degredo era uma medida de segurança do Estado contra os inimigos do regime e não uma punição contra criminosos em direito cível; para estes a lei castigava pelo encarceramento, pelo patíbulo ou entregando-os ás galés.

Desta contribuição de revoltados, de inquietos, de sedentos de justiça, devemos em grande parte as aspirações libertárias e as primeiras revoluções liberaes do Brasil colônia.

UM NOVO LIVRO DE JORGE RAMOS

De JORGE RAMOS, nosso colaborador, acaba de aparecer “A Mitologia ariana e o placiato judaico”, obra dum estudioso e destinada aos estudiosos — para professores e estudantes, intellectuais e pensadores. E' um trabalho formidável de argumentação critica que levou dois anos a preparar, requerendo um esforço exaustivo para acumular a considerável documentação de mais de quinhentas obras em italiano, alemão, grego, holandês, francês, sueco, inglês, espanhol, etc., etc. sobre historia, latinidade, germanismo, problemas de raças, etnologia, estudos antropológicos, etc. O livro oferece a curiosidade de estar repleto de *indicações utilísimas sobre tudo o que se tem escrito sobre as origens da raça ariana e sobre a vida dos judeus*. E' um documentario colossal COM REVELAÇÕES e onde se apontam pela primeira vez, fatos misteriosos de enorme valor histórico. E' um profundo trabalho filológico riquissimo de notas etnológicas e com estudo sério e muito completo da história de todas as raças semíticas e de todas as raças arianas, com apontamentos sobre as mais antigas religiões do mundo, mitologia persa e hindu', ensaios sobre brahmanismo e budismo, historia da mitologia escandinava, etc., etc. O volume é enriquecido com documentos inéditos sobre a vida primitiva dos povos do Oriente e descreve com larga soma de pormenores as tradições, os cultos e os mitos dos eslavos. E' estudada amplamente a influencia da infiltração judaica na história da Grecia e de Roma e descrevem-se costumes pitorescos, tradições desconhecidas, episódios que ligam a História de todos os povos antigos á mitologia ariana. E' ainda um estudo sobre a Civilização e sobre a Raça Branca focando a luta eterna entre o Ocidente e o Oriente, entre a Europa cristianizada e o asiatismo imperialista, entre o espirito católico e as ideias racistas, entre o mundo latino e o universo judaico.

O volume é prefaciado por um lente da Universidade de Coimbra e notabilissimo poligrafo.

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — Chiado, Lisboa.
Preço do livro — 5 Escudos.

(1) — Prof. Agamenon Magalhães. “Civilização do Nordeste”. Folha da Manhã de 7-2-940. Edição das 16 horas.

ALDOUS HUXLEY E ERICO VERISSIMO

Um romance psicológico, tonalidades claro-escuras da vida animal, mostruário dos vícios e das virtudes que formam o nosso espírito, livre da vitória cósmica sobre a natureza humana, isento da preocupação exclusiva de fotografar costumes esquisitos, peculiares a uma determinada região do glôbo, um romance assim, não pode ficar, absolutamente, situado no tempo, nem limitado no espaço. Será um romance universal, e contemporâneo, sempre.

“Olhai os lírios do campo”, essa surpreendente ficção real, presente à literatura, do gaúcho que trocou as bombachas de pampeiro pela pena de escritor, deixamos a certeza de que o Brasil também pode retratar, sob técnica perfeita e habilidade emocional, as almas mártires e as vidas felizes, na harmonia universal da dor e do prazer.

Depois de uma atenta e agradável leitura de “Contraponto”, 700 páginas de vida descritas pelo talento romancista de Aldous Huxley, reli, em estudo comparativo, o melhor romance de Érico Veríssimo.

Comparados e bem examinados os dois grandes romances, cheguei a conclusão imparcial e satisfatória de que o “prato da balança” pendia mais para o “Olhai os lírios do campo”, a-pesar-de suas 400 páginas de menos.

Sei que o “Contraponto” está atravessando sensacionalmente as fronteiras de todos os países, arrancando aplausos de todos os povos cultos para a grande homenagem de admiração que está sendo prestada ao notável romancista irlandês. Mas o romance de Érico Veríssimo não o é inferior, em aspecto algum. Há nele, até mesmo, e modéstia à parte, qualidades que superam às do romance estrangeiro. Alivia, por exemplo, vale, por si só, a soma de todos os “torturados” de “Contra-

GUERRA DE HOLANDA

(para “RENOVAÇÃO”)

ponto”. É a figura mais impressionante e discutível que já encontrei em romance de qualquer língua. Eugênio com aquele seu profundamente real e humano “complexo de inferioridade” domina Ollidge; dr. Felipe obsecado pela construção do “Megatério” excede ao velho Lord Edward em suas científicas experiências, deformando batráquios; o contraditório (coração de abelha, lábios de maribondo) o paradoxal dr. Seixas não vive nas páginas de Huxley.

Lembrar-me-ão, talvez: e Marjorie? e Walter? e Webley e Lucy?...

Responderei, com outras interrogações: e Eunice? e o “dr.” Florismal, “um dos Doze Pares de França”? E o pintor Túlio Altamira, justificando sua ignorância dos mestres clássicos com uma atitude revolucionária nos seus quadros? E o Castanho, o Acélio Castanho de respiração clássica e gestos didáticos? Convoquemos, na memória, uma reunião em que compareçam todos os personagens de “Contraponto” e de “Olhai os lírios do campo”, e vejamos a quem cabe o “superavit” de glórias, quem foi mais perito, mais técnico, mais vigoroso, na fixação de personalidades.

Si Aldous foi mais “profundo” em “Contraponto”, Érico, em “Olhai os lírios do campo”, venceu-o pelo sentido de humanidade que deixou em sua obra. “Contraponto” e “Olhai os lírios do campo” são, incontestavelmente, dois grandes romances; duas obras de arte em eleição. São rivais pela igualdade de votos. Eu, porém, confesso, de público, que voto no livro de Érico Veríssimo.

GOLPE DE VISTA SÔBRE RECIFE LITERÁRIO

AS EDITORAS E O PÚBLICO

Recife tem tôdas as possibilidades para ser um grande centro literário.

Infelizmente, presenciemos um descaso pelas letras, que leva ao desanimo o mais ardente rapaz da geração presente.

Mal levantam os olhos para o panorama literário, os intelectuais pernambucanos procuram a atmosfera do sul. Estarão sendo injustos com o meio ou será o meio injusto com eles? Estamos diante da segunda pergunta. Si, por um lado, há falta absoluta de público, por outro há falta de editoras.

Já sabemos que o nosso público vai se afastando das letras. Influências do radio, do cinema, do jornal — fatores vistos por Duhamel na França.

Entretanto, pensamos que uma séria propaganda o levaria a voltar os olhos para a vida literária da cidade. É lamentável a atitude das nossas editoras, completamente afastadas de uma orientação técnica e ao mesmo tempo crítica, no que diz respeito à publicação de livros. O fato é que nenhum autor quer entregar originais a editora nossa. Porque

os livros aqui publicados estão *condenados ao esquecimento*. Faltam-lhes elementos necessários para o exito. Não atravessam as fronteiras e, muitas vezes, aqui morrem, desconhecidos...

Um exemplo edificante está diante de nós: é o da Editora Globo, de Porto Alegre. Enquanto alguns dos nossos escritores continuam injustamente apagados, os nomes dos intelectuais gaúchos atravessam as distancias do Brasil e são discutidos e admirados. Sem falar nos romances de Veríssimo (que se recomendam pelo seu valor incontestável) citariamos os livros de Viana Moog, Reinaldo Moura, Manoelito de Ornelas e outros, enfeitando as nossas livrarias, com uma feição técnica admirável, além de uma justa propaganda.

É o caso, também, de apelarmos para as nossas editoras. Que elas se movimentem, encarando o problema, não só pelo lado crítico editando livros de real valor) como pelo lado técnico, dando-lhes feição original e moderna — assim como uma regular propaganda.

Naturalmente, os livros aqui publicados serão conhecidos no Brasil inteiro. E Recife, por si mesmo se afirmará — não há dúvida — como um dos mais adiantados meios literários do Brasil.

C. F.

Os Gabinetes Portugueses de Leitura

Por MENDES LEAL

SOB êste modesto e despretencioso título, tem os nossos compatriotas fundado e desenvolvido nas províncias do imperio, — nas principais senão em todas, — verdadeiros estabelecimentos de instrução, cuja importancia de dia para dia se torna mais consideravel. O último relatório do gabinete português de leitura no Rio de Janeiro, primeiro instituido, ou um dos primeiros, chamou a atenção e os justos louvores da imprensa periódica do reino para o vulto e grandeza dos resultados obtidos.

Alguns destes gabinetes, e naturalmente á frente o da capital, podem já reputar-se outras tantas bibliotecas populares. Outros hão de sê-lo em breve, e nesse caminho vão. O amor das letras, o zêlo e a perseverança conseguiram em pouco tempo levar aqueles gremios singelos á categoria duma nobre e útil instituição, já largamente dotada, suficiente, vigorosa e largamente ramificada.

A propaganda da instrução por meio de bibliotecas populares tem merecido, e cada vez mais está merecendo a solicitude dos governos. Tal se reputa hoje a sua influencia e valia, que a assembléa franceza, no meio das multiplices preocupações da reorganização politica, financeira e economica em que se tem occupado (após a desastrosa guerra de 1870), não esqueceu esses repositórios destinados a arquivar e repartir o saber, — focos de luzes que importa semear cada vez mais bastos na densidão ainda grande das trevas humanas.

Nenhum homem se torna hoje distinto e superior senão concentrando mais particularmente os seus estudos numa determinada secção dos conhecimentos humanos, embora procure enriquecer o espirito com a maior copia deles. O mesmo em qualquer classe, em qualquer cidade, em qualquer região. Não se formam aptidões notáveis, não fructificam as vocações, não se exploram e utilizam cabalmente as regiões, senão especializando. E' ainda ao grande principio da divisão do trabalho.

No meio das comoções mais violentas, preocupa seriamente a França o cuidado de remover para Nancy ou para Rouen as Faculdades de Strasbourg, (naquella data território prussiano). A conservação daquellas Faculdades andam ligados os interesses duma instrução profissional e regional que era para a nação franceza fundamento de prosperidade e razão de influencia.

Estas experiências devem ensinar. As questões relativas á instrução são em toda a parte as principais, porque delas derivam as outras. A cabeça dirige o braço.

Os esclarecidos corpos gerentes dos "gabinetes de leitura" já de certo haverão reconhecido a necessidade de sistematizar as suas respectivas coleções.

Sobre os Gabinetes Portugueses de Leitura no Brasil, escrevia o sr Mendes Leal em 1871, na revista "AMERICA", de Lisboa, um longo e curioso artigo, do qual transcrevemos algumas passagens que, pelo sabor objetivo das sugestões, sôbremodo o actualizam, numa época em que a questão das bibliotecas populares está na ordem do dia.

Si a indústria, o comércio, a agricultura, — ou antes, si as indústrias comercial e agrícola constituem geralmente a occupação e a profissão dos associados, frequentadores de tais estabelecimentos, convenientissimo é a êstes associados achar ali as obras especiais desses ramos, que tem, como todos os outros, além da sua prática, a sua ciência. Si no comércio e na agricultura residem as forças vivas do país onde aquellas associações forem instauradas, razão maior para dar preferéncia aos livros concernentes ás indústrias nativas.

E não se receie que tal método cerceie ou restrinja a importancia literária e a área instrutiva daqueles institutos. Não consente a illustração do nosso tempo confinar o comércio nessa especie de limbo, a que parecem condená-lo espiritos obcecados ou pertinazes. A história do comércio corre paralela á história da civilização.

Há ainda quem diga que para a vida comercial basta um pouco de sagacidade; há mais quem pense que o essencial é muito de fortuna. Tão desarrazoados preconceitos dão involuntariamente á astucia e ao azar o que pertence á probidade e á intelligéncia, colunas da sociedade. E' útil a perspicacia bem conduzida; tem a sorte as suas cegueiras. As mais das vezes, porém, a inveja chama ao acerto acaso, a dissimulação chama ao vicio infelicidade.

A bem entendida prática do comércio não pára na escripturação e contabilidade; tem por utilissimos, em muitos casos por indispensáveis auxiliares, a história natural, a geografia a economia politica, os anais industriais, etc. Para avaliar a conveniência, a intimidada de relações do comércio com a mais alta instrução, não é preciso mais do que observar o papel que êle desempenha no meio das produções para as quais tão ativamente hoje cooperam os institutos scientificos.

A agricultura é tambem, por si mesmo, não só uma indústria, ou antes um agregado de indústrias, mas uma verdadeira ciência, ou um conjunto de ciências.

Não contando a literatura nas suas diversas ramificações e a história nas suas consideraveis variedades, o quadro bibliografico dos "gabinetes de leitura" ainda quando subordinado ao método da especialização, fica tendo vastidão e amplitude sufficiente para contentar as mas sedentas aspirações, para entreter muitos anos a mais impaciente actividade.

O passado de tais estabelecimento é um nobre exemplo. O futuro será na razão do sistema que adotarem. A sua ação e influencia é das mais salutaes e beneficas. Aqueles que fundaram e sustentam glorificam a pátria e servem a civilização.

O Sentido Nacionalista da Obra Alencariana

Mário Pessôa

(Para "Renovação")



A CAPACIDADE para os trabalhos de ficção revelou-a o romancista nos primeiros tempos de estudante, se bem que a sua passagem pelos bancos escolares não tenha sido das mais brilhantes. Com extraordinária força de vontade soube guardar consigo os impetus duma imaginação cheia das mais poéticas fantasias e pode-se afirmar que o estudo severo dos clássicos, a que se dedicou, mormente no mosteiro de S. Bento em Olinda, nada mais fez que espicaçar-lhe a curiosidade. Tudo que pudesse revelar um novo aspecto do nosso Brasil tinha para esse homem interesse todo especial. Queria saborear o que se havia escrito sobre a nossa Pátria e deu-se de corpo e alma á leitura dos nossos primeiros cronistas, onde a sua imaginação se foi embeber de assuntos que diziam respeito ás primitivas fontes da nacionalidade. As idéas lhe tumultuavam, prontas a sair. Faltava-lhe, porém, as roupagens necessárias. Leu, por isso, com sincera admiração, Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre, Walter Scott, Fenimore Cooper, George Sand, etc. Desse trabalho acurado, da sua maneira particularíssima de sentir os fenômenos da vida, da observação carinhosa da paisa-

gem brasileira surgiu o estilo, aquilo que literariamente iria individualizá-lo para sempre! Os períodos inimitáveis de "Iracema" foram a resultante dessa intensa elaboração espiritual. Alencar nasceu com o espírito da terra. Para amar o Brasil não precisou cursar moral e civismo. O seu poder visual para as cousas que nos diziam respeito era extraordinário. Possuía, se quisermos repetir batidíssima imagem, "olhar de lince", no que se refere ao panorama que se lhe desenhava á vista. Não era apenas poder visual: acrescia a essa poderosa vantagem a sua inexaurível fonte de emoções, que soube sentir e transmitir como poucos.

Há muita movimentação nos diálogos dos seus romances, se bem que, ás vezes, os seus personagens assumem certos ares doutourais e sentenciosos, que lhes prejudicam um pouco a naturalidade. Não se pôde, por outro lado, negar que esse homem obtivera o segredo do êxito nas obras de ficção. O enredo interessa e algumas das situações criadas por êle são lembradas enquanto existir sobre o globo a região brasileira. Todos os povos tiveram a sua pagina de legenda. Em todas as histórias, há um prelúdio obscuro, donde, a todo momento, está surgindo um Guilherme Tell...

O Brasil necessitava também dessas lendas que acrescentam á verdade um perfume de fantasia, de que se alimentam muitos patriotismos... Alencar creou alguns tipos mitológicos á nossa maneira. "O Guarany" fez mais pelo Brasil que os discursos de muitos patriarcas. Alencar é o nosso grande paisagista, o pintor admirável dos temporais, o genio do pittoresco. O leitor encontra em cada período uma nova surpresa para a sua inteligência. Subtaneamente, possuidor de grande intuição naturalista, imaginação bizarra, o autor de "Minas de Prata" realçava sobretudo no meio da selva, em face dos quadros imensos, limitados por horizontes infindos...

Como Raul Pompéa, êle talvez sentisse vertigens ao contemplar um pôr-de-sol em nosso hemisfério... A sua grande obra é justamente aquela que mais o poderia recomendar ao nosso carinho: o romance de fundo nacional, a obra em que tratou do homem côm de cobre... Ele dominou o meio pela força incomensurável do seu talento, que, produzindo obra por assim dizer inédita em nosso continente, obrigou todos a reverenciá-lo. Mais tarde, ensaiou com outros gêneros, nos quais teve apenas a perder o seu engenho: "Senhora", "Cinco Minutos", "Diva", "Viuvinha", "Luciola", etc. são livros que não parece saídos da inteligência que lançou ao mundo "Iracema"...

O psicólogo recuava face a face do panteísta, o que leva a pensar na antinomia dessas duas grandes forças das obras d'arte... Em Alencar, o homem continua a ser o "átomo perdido numa dobra do infinito", imagem de que se utiliza quando nos fala dos pampas, e que tem um sabor bem acentuado do nosso Castro Alves. A natureza é tudo. Justamente o contrário do mestre Machado de Assis para quem o homem figura em primeiro plano.

Desejando ser jornalista, Alencar não se lembrou que o seu gênio acentuadamente poético, transigia com a sociedade, da qual inicialmente se afastava. E' dessa época, mais ou menos pelo ano de 1856, que o público vai ditar-lhe outras produções, nas quais se incluem as fatais peças de teatro, o mais difícil talvez dos gêneros literários.

Procurando satisfazer aos ideais das turbas, Alencar ensaia o teatro, escrevendo "Azas de um Anjo", "Crédito", "Expição", "Verso e Reverso", etc. E' o teatro de Dumas, Augier e Feuillet que o inspira nessa fase de subordinação ao gosto popular. Nesse ponto êle se nos apresenta evidentemente inferior. A vida do palco, a fase é de Araripe, põe em derrota todos os fulgores da sua fantasia.

O problema de amparo á perda, que deseja voltar ao campo da virtude, abordado em "Azas de um Anjo", hodiernamente já vai sendo melhor resolvido. Há muito artifício nesse trabalho.

No teatro, Alencar se encontrava diante da realidade e o seu estilo amesquinhava-se á falta de ambiente. Fracassou.

O jornalismo, o teatro, e a política partidária, essa tristíssima política-partidária, foram os lamentáveis transtornos duma brilhante carreira artística. Tudo que exigisse do homem observação direta, experiência, era fadado a fracassar nas mãos que pareciam impulsionadas por algum poder extranho.

A estesia havia de dominá-lo nos melhores períodos de sua vida. Fóra daí, o desconcerto era infalível...

Alencar seria, possivelmente, o melhor pintor da época da galanteria. O minuetto deveria ser-lhe a dança preferida. Incoercível a sua tendencia para a fina espiritualidade. Não era apenas um produto de cultura, mas exigência da sua natureza insubmissa e de uma delicadeza moral a toda a prova.

Os seus livros, pelo maravilhoso da criação, fazem crer na existência de um outro mundo e produzem a sensação particularíssima que nos oferecem as bôas ilusões.

A obra alencariana é vasta. Ensaçou vários gêneros. E', porém, como romancista que êle se distingue em nossa literatura. Até os nossos dias Alencar e Machado são os dois maiores romancistas brasileiros. possuidor de estilo inegalável. Machado mais perfeito, Alencar mais brilhante, de inspiração cálida e afetuosa, psicólogo arguto, excelente fixador de costumes, vernaculista. A obra mais saturada da maneira alencariana é "Iracema", inexaurível fonte de ternura tropical, no qual se fala na "ará" e nos "seus verdes tristes olhos".

O "Guarany" segue-se em importância e finalmente "Ubirajára", especie de complemento de "Iracema". "As Minas de Prata" é livre muito recomendado pela movimentação e sobretudo pelos conhecimentos da lingua portuguesa, que o autor revela, no primeiro capítulo escrito á pura maneira seiscentista. "O Gaúcho" é a prova de que a imaginação às vezes substitue per-

feitamente a visão. Sem ter ido ao Rio Grande do Sul, Alencar descreve-nos com precisão a vastidão dos pampas e o profundo silêncio daqueles pagos desertos. Os romances e novelas citados que escreveu não se nivelam aos já referidos. Alencar é antes de tudo o sertanista. "Diva", "Luciola", "A Pata da Gazela", são produções extra-alencarianas. Como sentimentalista, não poderia ser o grande orador das frases retumbantes que antes se alimentam das paixões. O sentimento é cismático; exige calma e digamos mesmo algo de meditação e recolhimento. Alencar não correspondeu ao romancista, na mais difícil das artes, no dizer de Latino Coelho, a oratória. Só algum tempo depois é que realizou alguns discursos dignos de apreciação. Êle foi o grande sentimentalista da paisagem e das lendas. Tudo que denotasse colaboração profana do homem lhe era extranho...

A influência de Alencar no desenvolvimento da prosa brasileira é bem significativa. Os seus livros, de tanto lidos e sentidos, se encorporam ao subconsciente do nosso povo e por vários decênios muitos ouvirão, como se fosse melodia antiga, os períodos iniciais da "Iracema", em que se lê amorável salmódia aos "verdes mares bravios da minha terra natal".

Alencar foi estudado, atenciosamente, por Araripe Junior. Esse crítico cearense lhe dedicou profunda admiração. Á parte algumas omissões, o seu trabalho sobre o nosso romancista é apreciável sob vários aspectos, máu grado a flagrante impureza sintática. Araripe Junior procurou orientar os seus estudos, no Brasil, pelos processos de Hypolito Taine, esse mestre intelectual de duas gerações francesas, na exata expressão de André Chevrillon, em sua obra "Taine, Formation de Sa Pensée".

Não há, porém, em Araripe a filosofia pura do modelo, se bem que lhe não desprezasse a conhecida sentença "Les oeuvres d'esprit n'ont pas l'esprit seul pour père" (Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire).

Assim, procura situar as causas, os fatos humanos, as circunstâncias, que influíram a obra alencariana. Até as perturbações de ordem política são citadas para legitimar certo declínio no sentimento artístico.

Na verdade, o idealismo do grande paisagista se transmudou, em sequência final, naquele agudo pessimismo que se nota em "Til".

Acusando Alencar de procurar soluções faceis nas últimas paginas dos seus livros, esquece Araripe de aludir que isso seria talvez motivado pelo cansaço da sua aguda emotividade. Mas, não podemos deixar de concordar que esse imaginoso não era realmente profundo nas idéas, mas um grande sonhador, um personagem esquivo e lendário do nosso El-dorado...

O contraste em Alencar é, antes de tudo, traço de caráter romântico e a ausência de todo e qualquer cerebralismo em sua obra. Livros que têm o cheiro e o gosto do mato verde e a frescura das aguas claras...

"O Tronco do Ipé", "Sonhos de Ouro", "O Sertanejo" são outros romances dignos de leitura, no meio de algumas obras primas.

Tal o homem que, nascendo no dia 1.º de maio de 1829, em Macejana, Ceará, apenas conseguiu atingir 48 anos, quasi todos vividos num exaustivo trabalho intelectual e cuja morte não foi lá das mais sentidas. O Brasil de então não pôde compreender perda tão irreparável e muitos que julgavam, á maneira de José Ve-

CORPORATIVISMO

Por Jorge Abrantes

Eduardo Aunós, ex-ministro do Trabalho hespanhol, tem, no seu livro "La reforma corporativa del Estado", uma frase que explica a persistência do fenómeno corporativo através dos tempos e seu resurgimento na época moderna, mau grado todas as tentativas para esmagá-lo: "La tendencia a asociarse para los fines colectivos es de tal modo inherente a la naturaleza humana, que desarraigala resultó empresa de todo estéril." (1)

O fato da associação é universal e começa a observar-se no próprio reino animal. Vemos, aí, seres dos mais atrazados da escala zoológica que se reúnem em colonias **gregaloides**, em verdadeiros organismos distintos do seu próprio e tão irresistível é a necessidade da vida em conjunto que não podem voltar a viver isoladamente. A existência de varias especies animais, mesmo bravias, em grupos homogêneos e solidarios; a **simbiose**, no reino vegetal e, de certo modo o **parasitismo**, nos dois reinos, são exemplos provando o fato da aproximação dos seres, da conjugação de esforços, toda vez que a realização de uma tarefa transcende a capacidade individual, toda vez que há uma identidade de fins a perseguir e dificuldades a eliminar.

Isto se dá no mundo dos seres irracionais. O que não dizer do mesmo imperativo entre os homens, dotados por Deus de inteligência para melhor promoverem o seu desenvolvimento e caminharem para os seus altos destinos? A filosofia individualista não poderia mesmo subsistir...

A sociedade humana, efectivamente, não se compõe de meros atomos-individuos apenas ligados entre si pela ridícula força de coesão do contrato inventado pela fértil imaginação judaica de Jean-Jacques Rousseau. Ela se compõe de grupos naturais formados de acordo com as diferentes necessidades e funções sociais e humanas. O sistema e a doutrina da sociedade organizada nesses moldes é o corporativismo.

Esses grupos são, em sua expressão mais larga, as **corporações**. Há corporações tão vigorosas em suas manifestações de vida que nunca, em tempo algum deixaram de existir, mesmo na vigência do regime liberal individualista, tais o exercito, as igrejas, as universidades, (2). As corporações economicas foram as que mais sofreram os males da revolução individualista e durante muito tempo tiveram em eclipse total.

A tradição corporativa é multiseular. O escriptor Theodore E. Burton, no livro "Corporations and the State", depois de averiguar a existência de organizações econômicas em Tiro e associações de vária especie na Grecia, afirma que a idéa de corporação como unidade distinta dos membros que a compõem surgiu, pela primeira vez, em Roma. E nos dá conta do carater e desenvolvimento histórico desse incipiente **corporativismo** romano. Diz que o germen das corporações foram os **collegia** romanos que, sob certos aspectos, assemelhavam-se aos organismos econômicos da Europa medieval. Acerca da origem dos **collegia** nada se sabe, apesar do

muito que se tem escrito sobre o assunto. "A primeira forma de associação — continua aquele autor, traduzido aqui um pouco livremente — foram as formações étnicas da sociedade — as familias, gens, clans e tribus. Para promover os meios de administração com relação ás novas condições de vida, era necessário formar outros grupos baseados na circunstância de localidade, ocupação e outros critérios de união. Salom, em Athenas e Numa, em Roma criaram, assim, novas divisões da sociedade. Diz-se que o último estabeleceu nove associações de artezões em Roma. São os primeiros **collegia** de que há memória: No início da Republica as corporações romanas foram numerosas e desempenharam papel bastante saliente na organização política e social. Eram de natureza muito variada. Algumas eram públicas, outras semi-públicas e outras estritamente privadas. Cuidavam de religião, política, economia e até diversões. Com o correr dos tempos, certos deveres lhes raltêoinae.Izas"thslmentaçãokientação r drd lrdl udluo foram impostos, como o pagamento de taxas e a prestação de serviços ao Estado. No fim da República, foram submetidas a rigorosa regulamentação pelo Estado, pois temia-se que se tornassem fonte de perturbação social. Cerca de 64 antes de Cristo, o Senado decretou supressão dos **collegia** de existência ilegal. Clogio, seis anos depois, fez o possível para anular essa decisão e incrementar o crescimento dos **collegia**. Uma das razões da atitude do Senado foi a suspeição de que os **collegia** tinham cumplicidade na conspiração de Catilina. Julio Cesar serviu-se deles no periodo eleitoral mas quando assumiu as responsabilidades de ditador, baixou um decreto suprimindo os de existência ilegal e reduzindo muito o numero dos demais.

No tempo de Augusto foram rigorosamente controlados e nenhum podia ser criado sem o consentimento imperial." (op-cit." (3).

E' interessante notar — diz ainda Burton — a maneira como os **collegia** vieram a assumir a forma de entidades corporativas. A idéa original dos romanos era que a propriedade do Estado, ou de cada cidade (**municipium**) era propriedade de ninguem, mais isto tornou-se extremamente inconveniente e daí surgiu o conceito de municipalidade como pessoa jurídica. A municipalidade passou a ter existência como municipalidade, independente da dos seus membros. E o conceito de personalidade jurídica, primeiro aplicado á municipalidade, foi, em seguida, aplicado aos **collegia**." (4).

O grande periodo de desenvolvimento das corporações foi a Edade Média, em que havia uma concepção mais ou menos totalista da sociedade e do Estado. Floresceram na maior parte dos países europeus. Eram organismos fechados, exclusivos, constituindo verdadeiros privilegios de classe. Os membros dividiam-se hierarquicamente em **aprendizes**, **companheiros** e **meestres**. Para a conquista desse último grau era necessário a apresentação de uma **obra prima**. Cada corporação tinha seus estatutos próprios, seu santo padroeiro, sua caixa e sua bandeira.

E não convem dizer mais nada a seu respeito porque se trata de assunto muito conhecido e estudado.

As corporações chamaram-se em Portugal **mestres**, com forma característica e sofreram grande golpe durante o reinado de D. José I. Diz Porto Carreiro que a implantação das corporações de **mestres** foi tentada no Brasil pelo ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo

(Continúa na página 30)

DE UM DIÁRIO DE POESIA

O espírito irônico e o espírito poético se repelem. A ironia é essencialmente racional. É mesmo o requinte do racional. Ora, o poeta é o tipo do que se deslumbra do que acredita em "mágicas".

Eça de Queiroz tentou a poesia e só conseguiu pastichar lamentavelmente Baudelaire. Machado de Assis fez versos e foi um mau-poeta. Nada mais lógico, tratando-se de ironistas tão perfeitos, tão viscerais. Um poeta não pôde ser isso que o mundo chama de "inteligente". Um poeta não é inteligente. Um poeta é um mágico. Um poeta não analisa o mundo, transfigura-o

NADA tão instintivamente ridículo para um espírito cético, irônico, intelectual, do que o lugar-comum. Ora, Cocteau escreveu *Les mariés de la Tour Eiffel* empregando inúmeros lugares-comuns dos mais "jornalísticos" inteiramente rejuvenescidos pela poesia.

O poético e o racional são irreconciliáveis. Evidente, pois, o contrasenso de uma crítica poética que não seja de sugestões, isto é, uma crítica indireta".

ENQUANTO o espírito do mundo fôr um espírito burguês, a glória do poeta (como a do Santo em grau, aliás, muito mais elevado) é um "zéro de comportamento".

A densidade do mistério e não a clarêza do racional é que é a linguagem própria da poesia. O Salmista nos diz: "Eu canto o meu enigma ao som da harpa" e não: "Eu canto o meu silogismo ao som da harpa." E com êle todos os profetas que não falaram prosa, mas poesia, que não falaram claro, mas escuro.

"De um poeta não se diz que pergunta, nem que responde, nem que argumenta" (Paul Eluard).

O indizível e intenso lirismo do "máu-gosto": pinturas populares. Fotografias coloridas de "studios" de terceira ordem com marinheiros, soldados, criados, guardas-civís, jogadores de foot-ball. Cartões-postais com namorados se beijando sob uma moldura de violetas e miosotis. Caixas de passas. A recente obsessão dos *surréalistes* pelo rococó. "La beauté terrifiante et comestible de l'architecture modern Style" (Salvador Dali). Os "dessus de porte, peintures idiotas" de Rimbaud. O circo barato. O realejo dos carrouséis. As valsas de suburbio. O crômo. A decalcomia. Os daguerreotipos. Os velhos albuns de família. Os caractères e vinhêtas das tipografias antigas. O "almanaque de lembranças Luso-Brasileiro"...



WILLY LEWIN.

3

POEMAS DE

Antonio Rangel Bandeira

(para "RENOVAÇÃO")

LIRISMO VIOLENTISSIMO

O lirismo chegou de repente
O contra-regra nem pôde ter um gesto de piedade
O ponto nem pôde fazer um único sinal.
Então os personagens desceram do palco
Assassinaram o autor
Que estava sentado na primeira fila da platéia.
Fugiram
E confundiram-se
No turbilhão da cidade.

POESIA

Poesia, minha amante
Porque tanta vegetação nos teus olhos?
És peixe donzela flôr
E a ti eu me ofereço
Sem as partes marcadas
Mas eu choro
Eu choro perdidamente.

TENDE PIEDADE DE MIM

Deixei em ti
As marcas o meu desespero pagão
Tende piedade de mim
Desequilibrado louco degradado e impuro
Oh! quanto indigno eu sou de ti
Cresce sobre mim a arvore da vida
E faz-me calmo e longe
Deste delírio
Pouza serenamente as tuas mãos no meu peito
E vela por mim
Até que a noite passe.



3

POEMAS DE

WILLY LEWIN.

Para "RENOVAÇÃO"

O POETA NA RUA

À hora em que todos dormem
O poeta volta da rua.
Seu rosto ilumina o quarto
Pois guarda um beijo da lua.

Apesar disso, os seus dedos
Torcem o interruptor
E outra luz mais violenta
Irrompe como um clamôr.

Faz mal: a luz afugenta
O enigma da noite morta
E o Anjo da Poesia
Escondido atrás da porta.

FUGA DA ESTATUA

Na brancura lunar — como leite ou cal —
A praça está vazia, um carrilhão rressôa.
A Estátua desperta, desce do pedestal
E vendo que está só abre as asas e vôa...

MOTIVO

Numa rua banal,
Á porta de uma alfaiataria,
Um manequim vermelho —
de repente! —

Insólito como a Poesia.

2

POEMAS DE

Monteiro (V. do R.)

NUIT DE SAMBA

Etendu sur la terre, la main de la nuit
lui serre la gorge.
Le feu jaillit de la terre, la danse
de son ardeur.
Sur les cordes chaudes de sa guitare,
il chante.
Deux yeux de flamme, tantôt lune, tantôt soleil,
desaltèrent sa bouche ardente.
Un couteau que la jalousie aiguise
trouve sa gaine.
Etendu sur la terre, la main de la mort lui serre
la gorge, la nuit lui ferme les yeux.

Paris, 1923

BLONDE PLATINÉE

La lune,
ce phare extra-lucide,
illuminait de ses rayons,
platinés,
le sable blond
de la marée.

Recife, 1940

ENSINO ARTISTICO

Por Vicente do Rego Monteiro



RIUNDOS de uma civilização europeia, a-pesar-de independentes continuamos ligados aos progressos da civilização ocidental e consequentemente de sua cultura intelectual e artística, antiga e moderna.

A civilização nativa das Américas por toda a parte extinta ou estacionária, não nos fornece, em absoluto, um meio ou uma diretriz para dali construirmos nossa base ou mesmo adaptá-la em parte a nossa civilização em marcha.

O nosso problema de ensino artístico é um problema seríssimo, porque, a bem dizer, nada possuímos de organizado neste sentido.

Na França com sua bagagem artística milenar, com os seus monumentos históricos verdadeiras obras primas arquitetônicas, acessíveis ao turista como de convívio jornalero com o trabalhador rural, Georges Huisman, Diretor Geral das Belas-Artes, abordando a questão da reforma do ensino artístico em seu país, em 1938, reclamava: "Depois de haveremos criado os museus para a burguesia, devemos criar os museus para o povo", isso bem entendido no ideal que: a Arte não é privilégio de uma sociedade ou de uma casta.

Georges Huisman constatou na França os malfeitos crescentes do sistema de centralização que priva os habitantes das grandes e das pequenas cidades da província dos meios de educar o gosto artístico. Si na França, na zona rural, para empregarmos uma imagem arbitrária, num raio de ação de cinco mil metros o individuo pode ser tocado pela graça da Arte voluntária ou involuntariamente, aqui em nosso país, podemos calcular em uns quinhentos mil metros este raio de ação para que o contacto se estabeleça, e, numa proporção muito inferior em qualidade, e limitada a um só período: Barroco colonial.

O que diremos do nosso sistema centralizador de educação artística que é a Escola de Belas-Artes que Dom João VI criou quando de sua estada no Brasil, mandando vir da Europa célebres professores e criando também o Museu da Escola. Si a Capital mal pos-

sue um aparelhamento suficiente para as suas necessidades, como exigir mais dos governos dos Estados?

É bem verdade que o Estado de São Paulo possui um bom museu e um Departamento municipal de cultura que prestará num futuro proximo grandes serviços á nação, todavia, iniciativas como essas não são generalizadas.

Na Italia, na França, na Alemanha, procuram atrair aos museus o povo por meio de visitas agradaveis e acompanhadas de conferências sobre as obras de arte dos grandes mestres do passado e contemporaneos, tornando-os acessiveis ao grande público.

O nosso caso é muito simples, não possuindo museus, temos que criá-los. Criar Museus Populares para o ensino artístico, como multiplicar Bibliotecas Populares para o ensino primário, secundário e superior das letras.

Sem os museus nada teremos feito. Do que nos valerá a alfabetização do povo si não podemos saciá-lo com a boa leitura? Do mesmo modo não devemos despertar a curiosidade do belo si não podemos saciá-lo com as obras de arte.

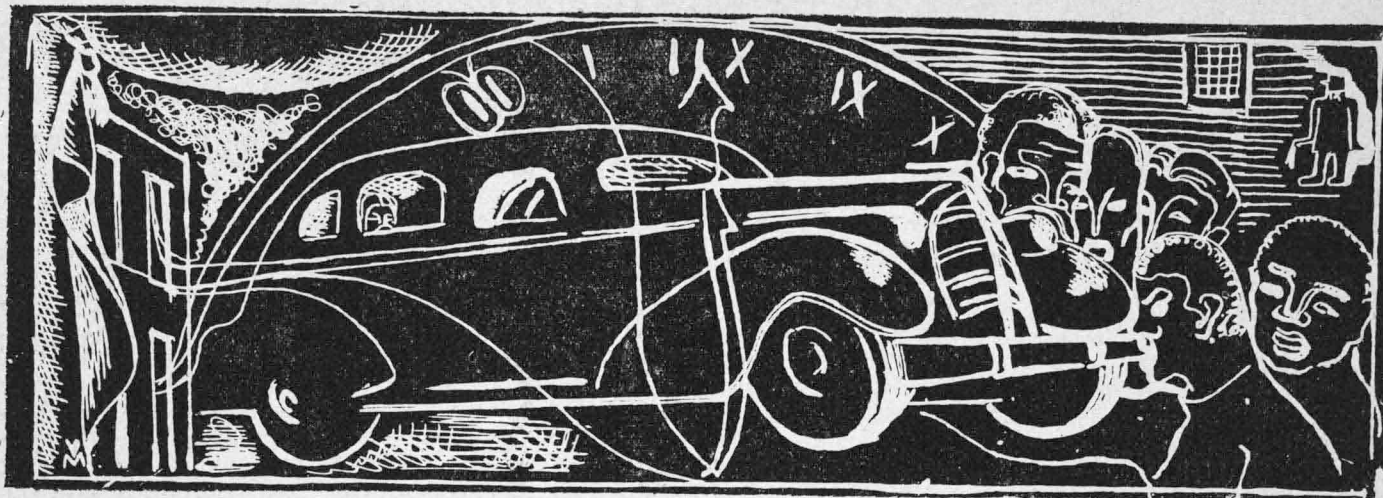
Os americanos do norte já há muito vêm cogitando deste serio problema, importando da Europa para os seus museus obras de arte dos grandes mestres antigos e modernos. Certas obras de arte impossiveis de serem adquiridas nos originais, eles contentam-se com as boas copias garantidas fieis pelo seus técnicos, mesmo porque seria impossivel dividir equitativamente entre todos os museus dos Estados-Unidos a obra de um grande pintor primitivo.

Este é o sistema que devemos adotar. Não possuindo o poder aquisitivo dos nossos amigos do norte, devemos nos conformar com as boas copias das obras dos mestres da antiguidade e adquirir enquanto é tempo as dos vivos não muito valorizadas e assim teremos feito obra inteligente e útil. No setor da escultura e arquitetura muito mais fácil se torna a aquisição de boas moldagens sem o perigo das falsificações.

Numa época em que os peritos são enganados muitas das vezes, é mais interessante para um governô modesto e interessado no progresso de seus filhos, adquirir copias garantidas fieis, do que originais sem garantia de autenticidade ou obras autenticas por preços proibitivos.

O Museu para o ensino artístico é o começo e o fim porque melhor do que os mestres e os técnicos são as suas obras, como bem dizia Renoir: "para o artista não há melhor ensinamento que os museus", ali estão expostas as obras dos grandes mestres com todas as suas lições, sem os subterfugios dos pequenos interesses contingentes da vida humana.

Devemos cuidar em larga escala do ensino artistico para o povo — de outro modo estaremos fundando escolas de mandarins para em seguida jogá-los á margem da sociedade como párias. Fora do plano inicial dos Museus Populares para o ensino artístico, todos os programas serão limitados á superficialidade.



... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA - Copyright de RENOVAÇÃO

Os personagens e incidentes desta novela são puramente imaginários. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real será obra de mera coincidência.

1 A paisagem crestada treme e a faixa da estrada desaparece diante o 60 HP, desfaz-se nas curvas, encurta como se fôsse acabar de repente, mas abrem-se as retas extensas do taboleiro. Os canais cortados, a chaminé da usina (onde estão os velhos engenhos dos grandes senhores?), a Nossa Senhora das Maravilhas mastigando trens inteiros de cana cortada, e a subida é barrenta, avermelhada, toda em êsse. Como será o hospital-colônia?

Antonio Dantas vê a constante da paisagem, mas o pensamento vaga. Deixou o S. H. M. como gosta de dizer para não espichar Serviço de Higiene Mental. As iniciais inspiram mistério, velam a frase e transborda a magia, voltemos ao medicine-man, não amigo vamos direto.

Corro em terceira velocidade, corro atrás do hospital que espera o descobridor, lembro meu pai, recorro os antepassados navegadores, e sempre a delícia do inédito que me espera. Meu romantico — foi assim que me despediu o Mestre. Ora, não há propriamente sinão a busca do novo. Deixa-se a chefia do I. P., e o Instituto de Psicotécnica passa ao mesmo divisor comum do S. H. M. Sempre iniciais, como submergíveis, e se assim o querem juntem o número necessário a associar melhor a espia fuzilada justamente quando o tenente se apaixona. Deixa-se cada vez mais distante a cidade abandonada e cada pulsação a quantas revoluções não deverá corresponder na intimidade dos cilindros do bólido? Quantos nós de distancia o separa já do destino? (Porque pensei "nós" e não as medidas usuais da estrada: leguas, quilômetros, milhas, braças?) Oh mari-

nheiro eterno que governas meus passos, que farias a estas horas no seculo XVI? Estarias num buque espanhol em mares tormentosos, ou em cruzeiros em mares chineses, comerciando com mandarins muito ilustres e amando o Cristo no céu de deuses amarelos e de dragões vermelhos?

Mas a tarde funde-se com a noite e os lampeões aparecem lá longe, crescem oblíquos em vertigem, e perdem-se para traz como uma estrela que corre na noite. Olho as estrelas que agora reluzem e si fôsse mesmo o navegador, que gosto seria cuidar do rumo lendo aos astros a derrota? Os ponteiros do mostrador luminoso marcam o tempo, mas teria decerto uma bússola, e como desliza nos super-balloons o roadster lançado na estrada... Mais meia hora, não, uma hora decerto, e entrarei no centro urbano com todas as luzes acesas. Vamos devagar, irmão, com esta navegação. Agora já a estrada não é bem mais a estrada: é antes um mar tranquilo e o galeão está à mercê dos ventos. E' o mar tenebroso com as calmarias e o canto da sereia não deve tardar. Então terminará tudo, porque será o fim. Mas como se perde relação de espaço e dimensão diante o canto da mulher encantada do reino das águas! Façamos barulho com os instrumentos de bordo para que o marujo não escute a sedução.

O chauffeur balança o patrão e Antonio Dantas desperta. E' a barreira da chegada e inspectores de veiculos visam papeis e examinam a condução como si tivessem atingido um porto estranho, ou transpondo fronteiras de países distintos em outros continentes.

2 Quando Antonio Dantas chegou à cidade nova, a noite que tinha baixado ainda na estrada cobriu a mocambos de palha e os meninos pálidos de barriça bojuda estavam sonhando. Por isso começou a vêr apenas o bairro operário que se segue iluminado, e a marcha da multidão de volta para casa, pátios de feira, cartaz de cinema, e bota-se abaixo o grande tronco de arvore que ainda resta da floresta desaparecida. Mas os soldados no quartel dão sentinela, e aparecem os palacetes do bairro Sul, a grande praça e o competente hotel atulhado de gente que toma cerveja nas ter-

rasses e conversa com hábitos de vida de café. A cidade mostra-se assim de repente agradável, e o forasteiro à falta de recepção tenta usar o telefone. O secretário do superintendente que governa a companhia atende por fim no extremo do fio, mas retruca que o amigo não deve reparar; está com diarréa e procura palavras convencionais que possam excluir em boa alocução vernacula o não se poder sair de casa com diarréa. Aparecem os indefectíveis três rapazes amigos de infância e ao grupo junta-se um político de vaidades comprometedoras. O bruto não resiste ao debique constante de terceto organizado, e o alienista por fim convence-se de que se trata dum oposicionista necessariamente agredido por profissionais contratados.

Mas a cidade resiste, tem encantos ocultos, e nem os três rapazes unidos, nem a diarréa do secretário do superintendente, nem o político duvidoso conseguem empanar o agrado ambiente.

Dorme teu sono oh estrangeiro, que o leito do hotel te embala e adormecerás mesmo com o pregão dos jornais. Nem é preciso dizer números nem palavras pronunciadas ao avesso. Os nomes dos dois jornais se repetirão especialmente para a hipnose provocada.

Mas o despertar foi radioso e antes das mesuras do mordomo já o apontavam a dedo: é o novo medico do hospital-colônia, vem endireitar a joça, vai ficar no lugar de Silvério Patriota que fugiu com a mulher do português da loteria. Antonio Dantas não sorriu de admiração, mas do gabinete do superintendente da Companhia Comercial Exploradora do Território veio a participação que seria recebido pelo grande chefe nesta mesma manhã. Entre os lindos jacarandás as necessidades comerciais da empresa colocaram armários de aço e arquivos metálicos inteiramente vazios. No próprio já esteve instalado outrora o governo da província e naquela época o clima era devéras duma casa de letrado. Mas o cheiro das barricadas de bacalhau e dos sacos de cimento não deixa lugar para recordação.

— E' como lhe disse seu doutor. Não tenho confiança em nenhum deles. Nem no Patriota que fugiu com a mulher do português da loteria, nem no Silva de quem não gosto. E' meio amalucado. Tome conta do hospício que a companhia necessita dos seus serviços.

O superintendente, pensou Antonio Dantas, é burro mas bem intencionado. Depois verificou que ele era mais esperto, esperto assim como um rato. Olhou as flores no lindo parque defronte, através o quadrado da janela viu o gramado estenso por detrás do homem e chegou aos seus ouvidos uma zuada conhecida. Depois viu que era o mordomo da superintendencia, o mesmo mordomo do hotel. O creado grave entrou fazendo as mesmas mesuras, executou umas novas, e saiu fazendo outras mesuras. O hotel e o palácio tinham o mesmo mordomo. Que atributo mágico tinha êle, presente assim em dois lugares diferentes e distantes? Era um austriaco careca e de olhos de rato.

Depois o hospital. Viu numa fusão de cenas não a colônia mas um entulho de doidos urrando dentro de um curral. Um letreiro enorme cresceu: **E' proibida a entrada.** Mas pouco a pouco as rézes não eram o gado urrando. Eram os loucos mesmo, e estavam nos grandes pátios, e ao que parece, disse um introdutor da comissão de Policia, cantam a Ópera. Logo mais chegou o seu futuro companheiro de trabalho. Esperava um velho cheio de velhice e vazio, assim ôco e por fóra doutrina, mas encontrou o rapaz esportivo, alto e muito vivo, cheio de

entusiasmo e sem ter quem acreditasse em si. Acharam que o deviam julgar pelo que êle fez quando era menino. Mas acontecia que por fenômeno inexplicável seu Pedro o via sempre de calças curtas. Êle protestava, mostrava-se crescido em longos relatórios, mas como o "super" não acreditava, os outros achavam que não deviam acreditar também. Então contava-se a história dum pintor que logrou toda a paróquia: êle recebeu a encomenda de pintar o retrato da Virgem, mas gastou o dinheiro e no dia aprazado o que sucedeu? no dia aprazado, estava com a tela em branco. Falou, pois, aos fieis: tinha tido uma inspiração divina e pintára a obra com tintas especiais: só os virtuosos poderiam vêr a santa. Todo mundo, que geito, admirou a beleza da tela. Assim era lá. Seu Pedro dizia que o via de calças curtas e todo o funcionário que se prezasse assim o devia vêr também. E todo o mundo dizia amen.

O rapaz abriu-se para o alienista e contou as tristezas que eram todas alheias, e acabaram tão aproximados que fez um programa traçado com antecedência mudar o riscado. Tinham mandado buscar Antonio Dantas para chocar e os dois se davam bem? Ora esta! Então, como deve acontecer, começaram a encrencar os dois: Então como é esse negocio de mandar buscar noutra província um médico para botar no seu lugar? Tomar o lugar duma pessoa que a gente conhece desde que nasceu? Onde vai parar isso? Daqui a pouco isso é dos estranhas! Chum, sei não... e outras coisas.

Mas tudo isso não era seguramente nada. Foi só o começo. Do outro lado faziam a mesma coisa com outras medidas. E assim foi se passando o tempo e os ponteiros dos relógios entraram em fusão com as palhetas dos ventiladores.

O calor escancarava os postigos e quando de volta passou pela rua uma placa assinalava a arteria: **Rua Direita.** Êle se virou quando o chamaram de lado. A janela aberta mostrava lá dentro Martins, seu velho amigo, e um senhor baixo, de óculos, em manga de camisa, com uma bruta cartucheira na cintura com revolver niquelado. Dantas foi apresentado: êste aqui é o especialista, entende da coisa, ouviu?... Dantas gostou do camarada da cartucheira. Era um escritor e jornalista que fazia oposição à empresa. Via-se logo, prevenido assim... Viu logo, também, que a carreira de Martins não tardava a terminar. Viver assim, com amizade de oposição, e se lembrou dos três rapazes debochando do político contrário no dia da chegada. E quando o jornalista da cartucheira publicou um artigo lamentando que o primogênito do "super" tivesse sido batisado com o nome do pai, deu-se o inevitável: o jornalista mudou-se para outras paragens e o intendente foi demitido. Antonio Dantas achou naquele dia o hospício pequeno demais.

3 As semanas iam passando e no hospital-colônia arrumava-se a casa como quem espera visita de parente ou vai dar festa. As venezianas não tinham dobradiças. Por artifício mágico, por ocasião da construção do prédio, as dobradiças foram transformadas em dinheiro amoeado. Eram, então, pregadas a parafuso. As janelas de Hitzig eram também pregadas com taliscas e pareciam mas eram grades. Tudo depois se movia. Tudo se renovava, desde as portas que se abriam para os loucos àquelas fisionomias que se abriam para uma vida diferente. Já não eram homens enjaulados e viam a verdura do campo, e no

trabalho-tratamento voltavam-se almas a se encontrarem a si próprias. Antigos operários rurais, o funcionário, o bacharel, o poeta, o músico, o usineiro, desviaram para uma ocupação objetiva o seu delírio. Iam vivendo de novo, e a reeducação levava ao mundo de fóra quem já estivera doido varrido.

Necessariamente há o primeiro conflito e este foi com os guardas. Vestiam farda de soldado, lindas fardas de botões dourados, de boné vistoso, pareciam gendarmes em uniforme de gala. Quando naquela manhã sem se esperar, Antonio Dantas mandou que a enfermeira-chefe só deixasse guarda entrar em trabalho com roupa simples e casquete branco, o negro Biu se revoltou. (O negro Biu tinha muito prestígio. Tinha tia cozinheira da mulher dum graduado da empresa. E na redondeza todo o mundo sabia que quem tem tia cozinheira de graudo da administração do território é todo ancho do prestígio.) Dona Adail correu ao gabinete do alienista e o sól entrou forte na sala. Gaguejava quando disse que o negro Biu estava pregando um motim no hospício: êle falava em voz alta para os companheiros: — não se sujeitem a esse rebaixamento! Guarda da colonia vestido quasi como doido? E as lindas fardas de botões dourados, de galões dourados e de boné vistoso que pareciam de oficial ou de domador de circo bom? Qual, vestir aquilo? e apontava para as roupas de mescla bem parecidas com as dos doentes, vestir aquilo? nunca! Que negócio era aquê? Não estava mas era para aguentar aquela imposição!

Foi um dos três rapazes que contou para a população ficar sabendo como o dr. Dantas resolvera o incidente. Contou: "O renovador encontra reação. Os guardas fardados militarmente de quepe e botões dourados não tinham elementar noção do que seja assistência a psicopatas. Quando o dr. Antonio Dantas lhes perguntou como iam os doentes, ficaram surpreendidos. Para êles os loucos eram simplesmente animais furiosos, uns mais do que outros e que exercer as funções guarda de hospício era ocupar um posto mais ou menos idêntico ao de domador de fêras. A ação revolucionária de Kemal Pachá não despertou maior reação do que a medida do alienista. Mas o psiquiatra falou aos guardas as razões de ordem humana que mandavam tirar os botões dourados que davam ao ambiente um ar assim de presídio. E os botões caíram, um a um..." O espanto era tão vistoso mesmo com as fardas dêles. De longe se sentia. Quando Dantas acabou de falar, não eram mais homens do negro Biu. O próprio negro Biu já era outro. Êles saíram para mudar a farda e, já no corredor longo, as palavras ficaram depois dos homens: quem diria que doido é doente? Nunca vi niguem falar assim. Nem nos sermões de padre José Coutinho, daquêle adoidado... Sim senhor, quem diria...

O doutor Osias Silva estava transbordante. Eu precisava de você aqui mas era ha mais tempo, dizia. Tudo isso eu sempre desejei fazer. Mas como? Diziam logo mas era que eu tinha me tornado furioso, doido furioso.

No pátio da secção de homens, Braz — o profeta, dizia a palavra de sua fé. Osias folheava a observação que Antonio Dantas ia terminar. Delírio crónico alucinatório sistematizado? perguntou. Dantas disse que sim, mas traduziu a espichada para uma palavra somente: Parafrenia, assinalou. Braz profetisava:

— Mas o verbo subsistirá! Não adeantarão as ren-

das e os labirintos. Porque o argonauta encontrará o Velocino e abaterá o Minotauro na hora da lida. As fiandeiras que façam correr o tempo e o tear mecânico aparecerá suprindo os necessitados e esmagando o homem. Mas o Eleito será salvo! porque assim quer a sua natureza e não adeanta ao filho do homem o ter maiores rebanhos. Tua há de ser a tua vaca e teu há de ser o teu cabrito. E não adeantarão a esperteza e a sagacidade do chefe político deante os olhos do Pai. Porquê êle vê. Na hora de semear, plantarás a tua semente. E a terra há de ser fecunda. E do seu seio brotará o leite. E do seu ventre nascerá o fruto depois da gestação. Mas não deixemos o velame que chegará a tempestade. Antes que o tufão devaste o oceano e varra os mares, que o monstro procure a enseada esperada. Si fôr a Baía da Traição, andará pelos lamaçais e passará pela lagôa com agua até a barriga. Então ficará imundo até à tarde e o verme roerá o seu figado. Cantarei os hinos da vitória e as portas da cidade serão abertas pelos expedicionários retardatários. Si o centurião te der boas vindas comerás mesmo fora de portas. Si não estiveres imundo, te oferecerão a piscina e nadarás com os peixes. Mas si a mulher de Salomão te oferecer iguarias, escuta uma orquestra de cordas que amainarás o rancor. Os radios te tecerão elogios, mas não digas que amargo como um cardo é a injustiça dos próceres. Si a lua fôr crescente lança a sorte. Porque os desígnios bons te acompanharão.

Silvio passa traçando com o braço círculos no ar: Vem monologando: Hamleto fatigou-se com a tragédia e merece as férias regulamentares. Tristão pode gaguejar na ária, mas aguentem Isolda se me fazem favor, se me fazem favor, se me fazem favor. Tudo não passa do palco e as Walkirias sem nenhuma cerimônia, sim sem cerimônia, ganham a Maratona antes do atleta. Ninguem tome folego pois a questão está em cantar. Quem melhor cantar receberá um galhardete no topo da torre. Não senhor! O alegre repicar dos sinos fica para quando Braz morrer!

Dirige-se até onde está Antonio Dantas. Beija o alienista na face e depois, como um perito boxeur, abate-o com um perfeito **knock-out**. Quando Antonio Dantas levanta-se do solo, a enfermeira faz-lhe um curativo no lábio. Na papeleta regista-se: Esquizofrenia. Nas instruções, Dantas acentua: tentaremos o choque insulínico. Doi ainda? indaga D. Adail.

Silvio indiferente continua o passeio, estaca no hall. Da janela fala para as flores:

— Onde está mesmo o quê, o meu quê? Porquê me levaram de Esperança para a Universidade? Para discutir nos cafés, me embriagar na Lápa, chorar pelas mesas do Lâmas, para depois de encontrar minha fulana receber três bôlas fabricadas em Liege, usar Fleur d'amour e assistir da varanda da União os discursos do tribuno? Quem é que pode resistir a este prato-de-travessa sem a congestão do cavalo de corrida no porta-ló do grand-prix? Vá ser jockey assim lá nas fazendas do Ayres de Melo! Mas quem responde ao quê, ao quê somente! Porquê meus velhos amigos adoráveis e odiáveis me me abandonaram e vêm me visitar? Mas onde? Antenor! João da Mota!! Meu desgraçado amigo, a minha vida está parada como a tua vida!

(Continua no próximo número)

CASA PIRES

— DE —

Antonio Cascão

RUA DA PENHA, 45 — RECIFE

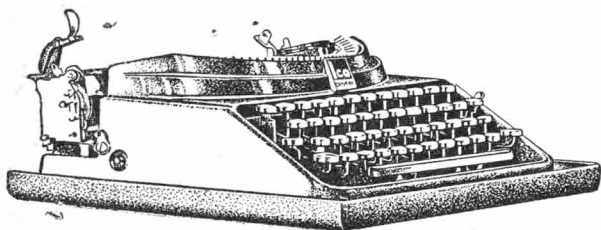
Especialista em bolsas para Escolares e Pracistas, Pastas para advogados. Carteiras e Bolsas para Senhoras. Portafólios, Cintos de toda a especie, Malas, Maletas e estojas de couro e oleado.

ACEITAM-SE ENCOMENDAS E EXECUTAM-SE CONCERTOS COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

TELEFONE, 6289

End. Teleg. CASAPIRES

ALTA MANIFESTAÇÃO DA
TECNICA

OLIVETTI

AGENTES:

G. LUCCHESI & CIA.

R. do Imperador, 351 - Fone 6360

CIRCULO DE "ESTUDOS FARIAS BRITO"

Organizada em fins do ano passado, nesta cidade, por um grupo de estudiosos dos problemas referentes à realidade nacional o Circulo de "Estudos Farias Brito" tem desenvolvido daquela época a esta parte uma intensa atividade intelectual que vale pelo melhor dos começos.

Para o ano de 1940, o "Circulo" organizou um plano de conferências mensais sobre assuntos brasileiros e que estarão a cargo de eminentes figuras do meio cultural pernambucano.

Iniciando a serie o professor Valdemar Valente, conhecido educador e historiografo, pronunciou uma palestra sob o titulo "Valor biológico e sociológico do indigena", por ocasião da primeira sessão publica do "Circulo", realizada a 31 de Janeiro no salão nobre da Faculdade de Direito.

A esse ato compareceu grande numero de pessoas destacando-se professores do estabelecimento e figuras do nosso magistério secundário. Saudou o conferencista o professor Sá Barreto e o academico Luiz Rafael Mayer traçou as directrizes do "Circulo" e estudou a figura e a obra de Farias Brito.

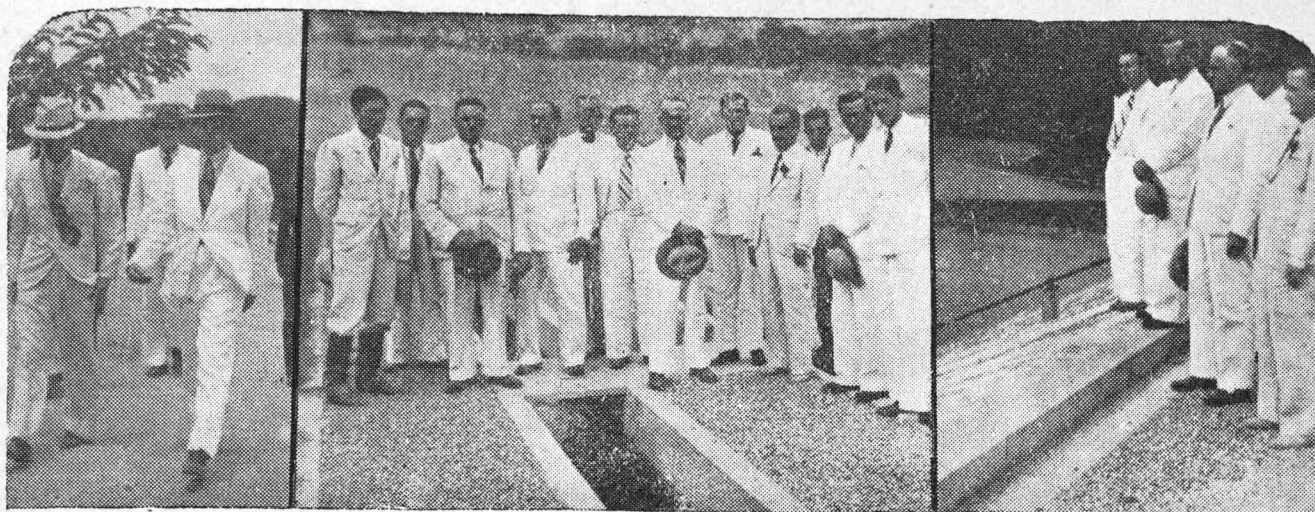
Grande Fábrica de Biscoitos e
Massas Alimenticias

GOMES & CIA.

Fabricantes das insuperaveis bolachas "SEM IGUAL e
"GAROTA"

RUA DA IMPERATRIZ, 163 — RECIFE

USINA SERRO AZUL**José Piauhyllino Gomes de Mello****ASSUCAR****Palmares - Pernambuco****ALCOOL**



Fotos colhidos durante a visita do Dr. Barbosa Lima Sobrinho á Usina Tiúma

A VISITA DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DO ASSUCAR E DO ALCOOL A' USINA TIUMA

O almoço no solar de Tiúma -- Percorridos os campos de irrigação do Parque Industrial Modelar do Estado -- Notas

O dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Assucar e do Alcool, encerrou a sua excursão aos centros assucareiros do Estado, visitando as usinas Capibaribe e Tiúma, esta de propriedade do industrial Fileno de Miranda. Integraram a comitiva de s. excia. o dr. Apolonio Sales, secretário da Agricultura, o dr. Leoncio Araujo, presidente do Sindicato dos Usineiros, dr. Adolfo Alcoforado, secretário particular do presidente do I. A. A., o dr. Alexandre Amaral, presidente do Instituto do Café de Pernambuco e um representante da Folha da Manhã. Os excursionistas chegaram á usina Tiúma pouco antes de meio-dia.

ALMOÇO NO SOLAR DE TIÚMA

A's 13 horas, os visitantes almoçaram no solar da Usina Tiúma. Ali aguardavam o presidente do Instituto do Assucar e do Alcool, o prefeito Novaes Filho, dr. Guilherme Ebeling, tecnico da Usina Esther, de São Paulo, havendo se incorporado á comitiva na Escola Superior de Agricultura o dr. Paulo Parisio e o dr. Jair Meireles, professor de Agricultura Especial do referido estabelecimento, além do dr. Anibal R. Matos, chefe da secção tecnica do Instituto do Assucar e do Alcool.

No almoço tomaram parte as seguintes pessoas: dr. Barbosa Lima Sobrinho, dr. Novais Filho, dr. Apolonio Sales, industrial Fileno Miranda, dr. Alexandre Amaral, dr. Leoncio Araujo, academico Dario Campelo, oficial de gabinete do prefeito da cidade, dr. Adolfo Alcoforado, dr. Paulo Parisio, dr. Jair Meireles, sr. Sóstenes Miranda, sr. Bartolomeu Nerí da Fonseca, dr. Guilherme Ebeling,

dr. Abgar Soriano, advogado da empresa Usina Tiúma, sr. Geraldo Acoforado, senhorinhas Lucia, Helena e Regina Amaral, filhas do dr. Alexandre Amaral, e o representante da Folha da Manhã.

No final do almoço ao ser servida champagne, o industrial Fileno Miranda saudou o dr. Barbosa Lima Sobrinho, dizendo da satisfação com que o recebia em sua casa. Sentia-se feliz com aquela oportunidade e erguia a sua taça pela felicidade pessoal e da familia do presidente do Instituto do Assucar e do Alcool. Agradecendo, o dr. Barbosa Lima declarou inicialmente ser grato á recepção que lhe acabava de oferecer o seu prezado amigo industrial Fileno de Miranda, fazendo votos para maiores prosperidades na sua usina. Aquele ambiente bem significava a vitória de um industrial pernambucano. A decoração da casa-grande tal como havia disposto o seu proprietário muito o alegrara e terminou fazendo o seu agradecimento ás gentilezas recebidas.

VISITA AOS CAMPOS DE IRRIGAÇÃO

Terminando o almoço, o que se verificou ás 14 e 30, os visitantes se dirigiram aos campos de irrigação, percorrendo não somente a grande barragem de Bicopeba, com capacidade para dois mil metros cúbicos dagua como outros reservatórios situados em diferentes pontos da usina. Essa excursão aos campos durou cerca de uma hora, terminando com a visita ás instalações da usina.

O dr. Barbosa Lima, antes de regressar á cidade, ainda foi á casa-grande de Tiúma, servindo-se de agua de côco e doces.

SANBRA

Endereço Telegrafico **SANBRA**

**SOCIEDADE ALGODOEIRA DO
NORDESTE BRASILEIRO S. A.**

SÉDE EM RECIFE

COMPRADORES DE :

Algodão em rama, Algodão em
pluma, Caroco de Algodão, Se-
mentes Oleoginosas, Milho.

Filiais : - SÃO PAULO - MACEIO'
- CAMPINA GRANDE NATAL -
FORTALEZA

Succursais em todo o interior

**AQUI,
ALI,
ACOLA',**

**HOJE,
AMANHÃ,
DEPOIS,
E SEMPRE**

Os cigarros da

LAFAYETTE

são os preferidos

CORPORATIVISMO

(Conclusão)

que substituiu Lourenço da Veiga em 1581; mas afirma adiante, que a medida foi meramente política e que o governador Manoel Telles Barreto aboliu os **mesteres** em 1583. (5) Mas está provado que os costumes corporativos portugueses tiveram um bocado de influência no Brasil. Um resquicio dêles, aquem e além mar e a existência de antigos nomes de ruas indicativos das profissões que nêles se agrupavam: rua dos ourives, rua dos lateiros, etc.

Noutros países, principalmente a França, o movimento corporativo manteve-se vigoroso durante séculos.

Mas germinaram elementos de dissolução, prenunciadores do desaparecimento de sistema social tão belo e tão útil. A investida individualista ia provocar um dos seus maiores malefícios. Na França, um édito de Turgot, ministro de Luiz XVI, suprimiu, em 1776, as corporações "Restabelecidas em parte pelo próprio rei em 1779, foram definitivamente abolidas pela Assembléa Constituinte com o Decreto de 17 de março de 1791", (6) conhecido por "lei Chapellier". Em junho do mesmo ano, vinha uma lei proibindo a associação entre pessoas da mesma profissão." (7)

A Revolução, em nome da liberdade, proibia a liberdade de associação e defesa coletiva...

(Em artigos subsequentes estudaremos a reação sindicalista que se seguiu ao aniquilamento do corporativismo e o seu resurgimento no seculo XX).

BIBLIOGRAFIA:

- (1) Eduardo Aunós --- "La reforma corporativa del Estado".
- (2) Mihail Mansilesco --- "Le Siècle du Corporativisme".
- (3) e (4) --- Theodore E. Burton --- "Corporations and the State."
- (5), (6) e (7) --- Porto Carreiro --- "Economia Política".

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

OFEREÇA AO SEU AMIGO
VISITANTE ALGUMA COISA GE-
NUINAMENTE PERNAMBUCANA

“PERNAMBUCO”

Sortimento Extra-Fino Pilar

UMA LEMBRANÇA INESQUECIVEL. UM PRESENTE INEGUALAVEL.

À MAIS MODERNA FABRICA DE BISCOITOS
DA AMÉRICA DO SUL

COMPANHIA PRODUTOS PILAR S. A.

USINA SALGADO

Joaquim Bandeira & Cia.

CAPACIDADE DAS MOENDAS: — 1.200 toneladas em 22 horas de trabalho

CAPACIDADE DE FABRICAÇÃO: — 2.000 sacos assucar cristal.

CAPACIDADE DE FABRICAÇÃO DE ALCOOL: — 8.000 litros diários, estando em projeto a construção de uma destilaria de al-

cool absoluto para 15.000 litros diários, além de uma fábrica de adubos para aproveitamento e industrialização das caldas.

SAFRA EM CORTE:

Cerca de 110.000 toneladas de canas plantadas pela Usina.

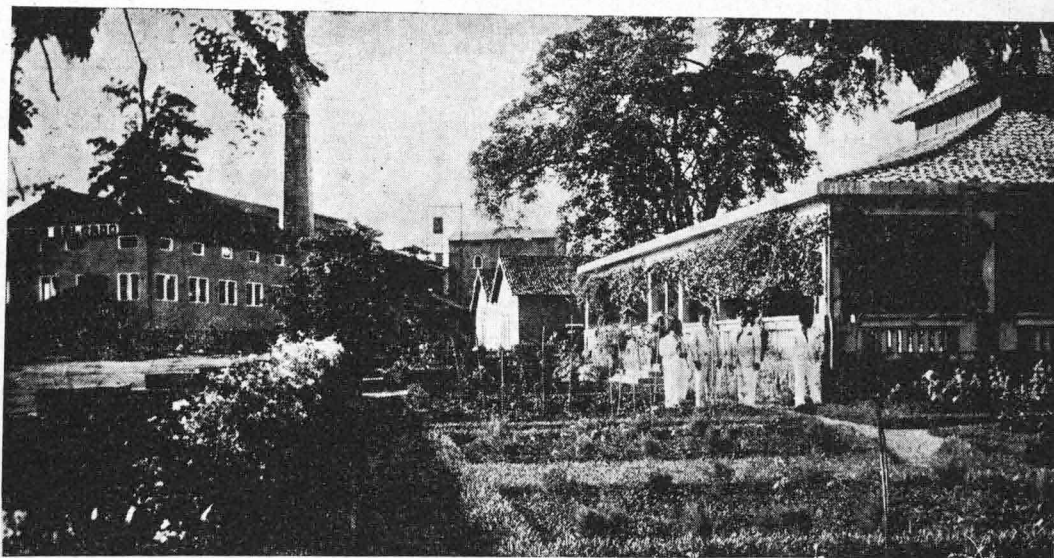
OUTRAS ATIVIDADES DA FIRMA: —

Criação de gado vacum, equino e óvinos.

CULTIVA AINDA:

— Cocos, abacaxis, mandioca e ararúta.

IPOJUCA
PERNAMBUCO



PREFIRAM O CALÇADO**“COMBATE”****FORTE E BARATO**

Encontra-se á venda nas Casas:

Casa Brasil,*Rua Duque de Caxias, 304***Casa Vencedôra,***Rua do Livramento, 7***Casa Primôr,***Rua do Livramento, 21***Severino de Vasconcelos & Cia.****RUA DA PRAIA, 83****RECIFE**

**VALORIZE A INDUSTRIA
NACIONAL, EQUIPANDO
SEU CARRO COM OS
AFAMADOS...**

PNEUS “Brasil”

Borracha do Amazonas

Tecnica perfeita

Eficiencia absoluta

Durabilidade comprovada

A VENDA EM TODA PARTE**AGENTES:****José T. de Moura & Cia.**

Fone: 9505

RECIFE**FILOSOFIA DO MUNDO INORGÂNICO***(Conclusão)*

Dêsse tríplex aspecto valorativo da inteligência, refletindo-se no mundo extrospectivo, resultou o objeto do néo-mecanismo: — o fenômeno. Não em si, mas tal qual nos aparece na percepção sensível. Não se preocupa, essa teoria, com a ordem de causalidade real que reata os fenômenos entre si. Pois restringe o campo de suas investigações aos dados experimentais fornecidos pelos sentidos. O que equivale a dizer ser o novo sistema uma modalidade de mecanismo ou, precisando mais, um mecanismo fenomenista.

De fato, á nova doutrina não interessa investigar as causas no seu sentido ontológico. Mas procura explicar os fenômenos, reduzindo-os ao movimento local e às leis que o regem. É que se trata de uma interpretação mecânica da teoria eletrônica. (Nys)

O néo-mecanismo ignora, assim, não só a substância, mas, tudo o que não pode ser objeto de experiência. Contenta-se com descrever a ordem de sucessão ou de concomitância relevada pela experiência fenomenal. E, procurando atender à evolução constante da ciência, negas aos princípios da mecânica a condição de verdades intangíveis.

Contudo, as duas doutrinas têm um ponto de contacto. Apresentam a mesma concepção unitária do mundo fenomenal. Pois de um lado reduzem os fenômenos ao movimento local. Não distinguem o movimento de suas causas. Do outro, substituem o qualificativo (fôrça) pelo quantitativo. Confundem, dêsse modo, a extensão (ou quantidade) com a substância. Pois, no fundo, o mecanismo reduz, como vimos, todas as coisas à extensão e ao movimento. E foi êsse, justamente o traço que desde Demócrito, lhe deu individualidade.

Mas, num ponto, é essa doutrina facilmente contestada. — Pois, a quantidade (ou extensão) é, apenas, o primeiro acidente da substância (Teoria escolástica). E isso pela mesma razão que as qualidades desconhecidas pelos dois sistemas, são acidentes da substância corpórea. (Maritain)

O erro imperdoável dos mecanistas foi, assim, admitir a homogeneidade profunda da matéria, o que significa vedar a explicação dessa diversidade de agentes químicos, tão assimiláveis pela especificidade cons-

COOPERATIVA DE LATICINIOS DO RECIFE**Distribuidora Oficial dos Produtos da****Usina Higienizadôra de Leite****SEDE:****Cais José Mariano, 470****Fone 3090****RECIFE****PERNAMBUCO****BRASIL**

tante de seus pêsos, de suas afinidades eletivas, de sua atomicidade, de sua filiação física e cristalográfica. (Nys) Insistir aqui, seria, sem dúvida, pretender encontrar no homogêneo a razão do heterogêneo.

Todavia, tanto o antigo, como o novo mecanismo, nos revelaram uma grande coisa: — o papel considerável do movimento local.

Pois, é este a causa das constantes mutações nas relações especiais dos corpos. Enquanto provoca a transmissão de todas as atividades. E justifica esse complexo, cujo encadeamento enfeixa o curso do universo.

Aliás, esse movimento local, já ao tempo de Empedocle e Anaximandro, deveria explicar "mecanicamente" as coisas. Produziria a "simples agregação dos elementos materiais. E deve ter sido essa a fonte do evolucionismo de Spencer e Darwin. Pois, a metafísica alemã (Kant, Hegel, Fichte) portou-se, apenas, como catalítico da reação que viria empolgar o pensamento dos tempos modernos.

Em conclusão, poderemos asseverar terem esses sistemas confundido, solidariamente, o movimento e suas causas (fôrças). E também a extensão e a substância. Foi o seu ponto fraco. E também, a razão por que ficou, sem poder atender, nas suas exigências, à evolução constante do pensamento humano.

O Sentido Nacionalista da Obra Alencariana

(Conclusão)

ríssimo, a obra indianista alencariana, como filão já por demais explorado, não perceberam que a revivescência do assunto valeu por todo o seu passado de preparação enfática e palavrosa. Aliás, um só capítulo de "Iracema", lido à surdina, vale por todo o "Uruguay" declarado e musicado...

Não são de desprezar, por outro lado, os seus trabalhos forenses, nos quais enfrentou, sem desaire, em várias ocasiões, a profunda dialética de Lafayette. Isso por si só recomendaria um jurista. Mas, o advogado é, na vida alencariana, episódio curto e prosaico, em face da sinfonia brasileira dos seus romances de fundo sertanista.

José de Alencar merece a estima dos brasileiros porque a sua arte não se subordina a qualquer injunção, fosse de escolas, fosse de política. Foi um idealista de coração puro, que soube o travor da adversidade e sentiu amargamente a ofensiva da mediocridade do seu tempo.

Além disso, é um dos raros escritores, a quem se póde mui honrosamente atribuir o epíteto de brasileiro.

A característica máxima da sua obra é o profundo traço nacionalista.

Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE
S/A

FONE 6425

CONFEITARIA BOTIJINHA

SOUTO & MAGALHÃES

Praça da Independencia, 25 a 31

RECIFE

PERNAMBUCO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Todas as operações bancárias

CASA TIGRE**D. Rodrigues****Rua NOVA 362 - FONE 6 9 9 0**

INSTALAÇÕES DE: Hospitais, Consultorios
Médicos, Laboratorios de Análises, Quimica
Analítica.

Gabinetes de Fisica, História Natural

R E C I F E PERNAMBUCO

SABOARIA DE AFOGADOS

— DE —

Santos Araujo & CIA.

FABRICANTES DOS AFAMADOS SABÕES:

CREOULO — O rei dos Sabões.

RAJADO — Tipo azul ou marmorizado.

MASSA-AMARELO — O melhor entre os melhores.

Produtos fabricados com materia prima de primeira
qualidade e obedecendo ás mais rigorosas exigências
tecnicas.

FÁBRICA: RUA S. MIGUEL, 404.

ESCRITÓRIO: Rua das Floren-
tinas. 177

RECIFE

PERNAMBUCO

MANTEIGA**PEIXE**

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

**Cooperativa dos Plantadores de Man-
dioca de Pernambuco**

U n i c a

Distribuidora dos produtos da Fabrica de Farinha
Panificavel do "IBURA"

TELEG. "MANDIOCA"

FONE 9-5-6-9

ESCRITORIO:

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA N.º 277**BALANÇO GERAL EM 30 DE DEZEMBRO DE 1939**

A C T I V O

ACTIVO FIXO

Movéis & Utensilios	6.713\$500	
Titulos de Renda	1:500\$000	8:213\$500

ACTIVO CIRCULANTE

Farinha Panificavel	21:150\$000	
Farélo	10:608\$000	
Raspas de Mandioca	22:408\$400	
Saccaria	2:304\$000	
Anilinas	13:500\$000	69:970\$400

ACTIVO DISPONÍVEL

Caixa	15:475\$200	
Caixa de Credito Mobiliario Co- operativo	246:233\$500	
Caixa Economica Federal em Pernambuco	1:575\$100	263:283\$800

ACTIVO EXIGIVEL

Associados, C/Capital	141:035\$000	
Correntistas	24:285\$000	
Cooperados, C/Machinas	9:592\$200	
Letras a Receber	4:180\$000	179:092\$200

Total do Activo — Rs. 520:559\$900

P A S S I V O

PASSIVO NÃO EXIGIVEL

Capital	160:100\$000	
Fundo de Reserva	60:048\$700	
Lucros Suspensos	100:000\$000	320:148\$700

PASSIVO EXIGIVEL

Secretaria da Agricultura, c/ma- chinas	16:577\$200	
Cooperados, c/ raspas	12:344\$700	
Letras a Pagar	70:000\$000	
Retorno aos Associados	101:035\$500	
Juros ao Capital, s/quotas-par- tes	453\$800	200:411\$200

Total do Passivo — Rs. 520:559\$900

Recife, 30 de Dezembro de 1939.

(a) João Liberato Pereira de Mello

PRESIDENTE

(a) Djalma Almir Wanderley

DIRECTOR-COMMERCIAL

(a) Mario Carneiro Lins e Mello

DIRECTOR-GERENTE

(a) Heitor Wanderley de Queiroz

CONTADOR

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Cooperativa dos Plantadores de
Mandioca de Pernambuco, tendo procedido ao exame do Ba-
lanço Geral e demais documentos referentes ao exercicio
findo em 30 de Dezembro de 1939, constatou a sua exactidão,
regularidade e concordancia, pelo que é de parecer que a
Assembléa Geral hoje reunida, approve as contas apresentadas
e os actos gestivos da administração.

Recife, 23 de Fevereiro de 1940

(aa) Manoel Netto Carneiro Campello Junior, relator
Joventino Lins Themudo

Luiz da Costa Pinto

VISTO — Recife, 23 de Fevereiro de 1940

(a) João Liberato Pereira de Mello — Presidente

O calçado "BRANDÃO"

satisfaz
pela sua
elegancia

A' venda nas principais
Casas de Calçados.



OS TRES PRODUTOS DE FRATELLI VITA QUE
GOSAM DO MAIS JUSTO CONCEITO



GUARANA — AGUA TONICA — GASOSA
FRATELLI VITA. — L. DA SOLEDADE, 1132
R E C I F E

Armazem Veterano

FUNDADO EM 1830

ESTIVAS E FERRAGENS EM GROSSO E A RETALHO
DE

SOUZA BRAGA

Rua da Paz, 212 - Telefone 6378

AFOGADOS

RECIFE

PERNAMBUCO

OS ANUNCIOS PUBLICADOS EM "RENOVAÇÃO" SÃO LIDOS NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO

F. MENDES & CIA. LTD.

Rua Barrose, N.º 81

MANAUS — AMAZONAS

Manaus, 17 de Fevereiro de 1940

Illmos. Srs.
Diretores da COOPERATIVA DOS PLANTADORES
DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO
Av. Marquês de Olinda, 277
RECIFE

Prezados Senhores

Na revista Pernambucana — RENOVAÇÃO — encontramos o anúncio dessa Cooperativa, como única distribuidora dos produtos da Fabrica de Farinha Panificavel de Ibura, despertando-nos interesse pelo conhecimento desses produtos, certamente interessantes para o comércio de n/praga.

No caso de VV. SS. estarem interessados na exportação dos mesmos, sirvam-se mandar-nos, pelo primeiro navio do Lloyd, umas amostras dos referidos produtos, com os respectivos preços CIF — Manaus e se realmente forem o que pensamos e os preços nos covenham, far-lhes-emos, imediatamente, um pedido de experiência.

Somos representados ai pelos Srs. Viana Almeida & Cia. à rua do Imperador nº. 159 e representamos os Srs. Moura Irmãos, estabelecidos à rua do Brum, 280 — 1º. and., os quais oferecemos como pontos de referências, etc. etc.

Subscrevemo-nos mui atenciosamente,

E. MENDES & CIA. LTD.

CAROA

Instalações, completas ou isoladamente, de maquinas para desfibrar, caldeiras, locomoveis, motores a gaz pobre ou a oleo, transmissões e mancais, tudo em otimas condições. Procurem adquirir na firma:

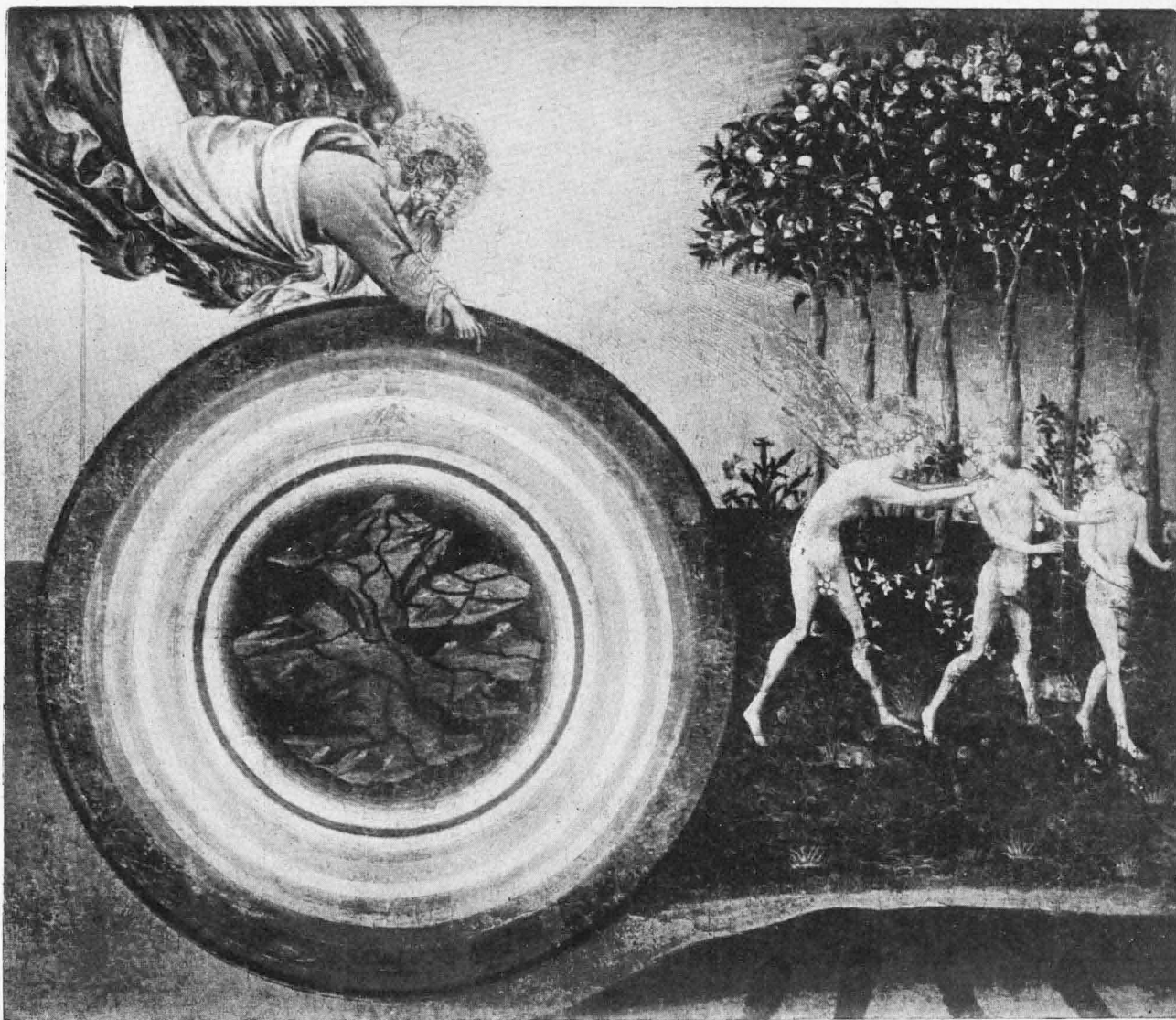
Oliveira Filho & Cia.
Largo do Paraíso, 306
RECIFE

A AMBIÇÃO E O IDEAL DO POVO É O DINHEIRO
PORQUE NÃO PROCURAM

A CONFIANÇA
de Mendes & Maia

LARGO DA PAZ, 402 — Fone 6111

É a única que pode proporcionar-lhes a sorte.



ADÃO E EVA EXPULSOS DO PARAÍZO. — Pintura de Giovanni di Paolo di Grazia — (1403-1482). Da Coleção P. L. de New-York. Esta preciosa tela de Giovanni di Paolo, de expressão quasi suprarrealista, representando o onipotente criando a terra “esferica” e expulsando Adão e Eva do paraíso, tem algo de verdadeiramente surpreendente pela poesia e policromia concentrica dos tons da esfera e o alinhamento obliquo das árvores verde-terra. Giovanni de Paolo foi discípulo de “Sasseta”, o mais talentoso e o mais poético dos primitivos pintores de Siena, e a sua influência é evidente. Giovanni di Paolo foi pouco apreciado pelos críticos dantanho e seu nome por muitos anos permaneceu ignorado. Além de suas pinturas e afrescos, di Paolo deixou famosas ilustrações.

IMPRESSO
NA TIP. DO
DIÁRIO DA
MANHÃ

Compra Tadeu Rocha 30/8/79



“MADONA”— PINTURA DE DUCCIO DI BUONINSEGNA. (1250-1318).
Da Coleção P. L. de New-York.

DUCCIO DE BUONINSEGNA foi um dos primeiros artistas italianos que se libertaram dos “canons” bizantinos, criando assim a forma latina de expressão pictórica. A sua obra importantíssima pela influência que exerceu sobre a sua época, acha-se na maior parte em Siena e Florença. — Ugolino, Segna e Simone Martini foram seus discípulos. —